

EPODO 1: UM RETRATO DA AMIZADE ENTRE HORÁCIO E MECENAS

Renan Moreira Junqueira

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas da Universidade Federal do Rio de Janeiro como quesito para a obtenção do Título de Mestre em Letras Clássicas.

Orientador: Prof^a. Vanda Santos Falseth

Rio de Janeiro

Janeiro de 2011

EPODO 1: UM RETRATO DA AMIZADE ENTRE HORÁCIO E MECENAS

Renan Moreira Junqueira

Orientadora: Professora Vanda Santos Falseth

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Letras Clássicas.

Examinada por:

Presidente Profa. Dra. Vanda Santos Falseth (UFRJ)

Profa Dra. Alice da Silva Cunha (UFRJ)

Prof Dr. Amós Coêlho da Silva (UERJ)

Profa Dra. Arlete José Mota (UFRJ) (Suplente)

Prof Dr. Luiz Fernando Dias Pita (UERJ) (Suplente)

Rio de Janeiro
Janeiro de 2011

Junqueira, Renan Moreira.

Epodo 1: um retrato da amizade entre Horácio e Mecenas/ Renan Moreira Junqueira. - Rio de Janeiro: UFRJ/ Faculdade de Letras/ Programa de Pós Graduação em Letras Clássicas, 2011.

viii, 89f.; 31 cm

Orientador: Vanda Santos Falseth

Dissertação (mestrado) – UFRJ/ Faculdade de Letras/ Programa de Pós-graduação em Letras Clássicas, 2011.

Referências Bibliográficas: f. 85-89.

1. Literatura latina. 2. Horácio. 3. Epodo. 4. Amizade. I. Falseth, Vanda Santos. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa de Pós-graduação em Letras Clássicas.

RESUMO

EPODO 1: UM RETRATO DA AMIZADE ENTRE HORÁCIO E MECENAS

Renan Moreira Junqueira

Orientadora: Professora Vanda Santos Falseth

Resumo da Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-graduação em Letras Clássicas, Faculdade de Letras, da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Letras Clássicas.

No *Epodo 1*, Horácio, ciente da convocação de Mecenas para a batalha de Ácio, afirma acompanhá-lo em nome da amizade que os une. A presente Dissertação tem por objetivo analisar de que forma tal vínculo é retratado pelo poeta. Para tanto, primeiramente, foram levantados dados biográficos do mesmo e características de sua poética e do gênero lírico. Em seguida, foi feito um breve estudo sobre o fim da república e sobre a amizade na Antiguidade Clássica. Por fim, foi apresentada uma proposta de tradução do referido poema, acompanhada de uma análise que levou em conta aspectos linguísticos, históricos, culturais, filosóficos, estilísticos, filológicos e literários, tendo sempre em vista a caracterização da amizade entre Horácio e seu patrono.

Palavras-chave: Literatura latina; Horácio; Epodo; Amizade.

Rio de Janeiro

Janeiro de 2011

ABSTRACT

*EPODE 1: A PORTRAIT OF FRIENDSHIP BETWEEN HORACE AND
MAECENAS*

Renan Moreira Junqueira

Orientadora: Professora Vanda Santos Falseth

Abstract da Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-graduação em Letras Clássicas, Faculdade de Letras, da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Letras Clássicas.

In *Epode 1*, Horace, aware of Maecenas' call for the battle of Actium, states to join him in the name of the friendship that unites them. This dissertation aims to examine how this relationship is depicted by the poet. Therefore, first, biographical data and characteristics of his poetic and lyrical genre were collected. Then, a brief study was made on the end of the republic and on friendship in Classic Ancient History. Finally, a proposal of translation of the before mentioned poem, followed by an analysis that takes into account aspects of linguistic, historical, cultural, philosophical, stylistic, philosophical and literary was presented, bearing in mind the characterization of friendship between Horace and his patron.

Keywords: Latin literature; Horace; Epode; Friendship.

Rio de Janeiro
Janeiro de 2011

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Luiz Carlos dos Santos Junqueira e Neuza Maria Moreira Junqueira, a quem devo a minha existência e a minha formação;

À minha namorada, Luciana Braga Carneiro Leão, pelo companheirismo e contribuição;

À minha orientadora, Profa Vanda Santos Falseth, pelos ensinamentos e incentivos;

À Banca Examinadora, Profa Alice da Silva Cunha, Prof Amós Coêlho da Silva, Profa Arlete José Mota, Prof Luiz Fernando Dias Pita;

Aos professores da Faculdade de Letras da UFRJ, Profa Michele Eduarda Brasil de Sá, Prof Carlos Eduardo Costa Scherer, Profa Cecília Lopes de Araújo, Prof Ana Thereza Basílio Vieira, Prof Anderson de Araujo Martins Esteves, Profa Sandra Verônica Vasque Carvalho de Oliveira, Prof Edison Lourenço Molinari;

À CAPES, em razão da bolsa concedida.

“Solem enim e mundo tollere videntur, qui amicitiam e vita tollunt, qua nihil a dis immortalibus melius habemus, nihil iucundius.”

"Os que suprimem a amizade da vida parecem-me, de fato, privar o mundo do sol: os deuses imortais nada nos deram de melhor, nem de mais agradável."

Cícero, *De Amicitia*, 13.47

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. CONTEXTO HISTÓRICO	12
3. O LIRISMO EM ROMA E SUAS ORIGENS	21
3.1 A lírica grega	21
3.1 A lírica latina	26
4. HORÁCIO: VIDA E OBRA	30
4.1 A amizade com Mecenas	30
4.2 O círculo de Mecenas	32
4.3 Outras amizades	33
4.4 Obras de Horácio	34
4.5 Principais características da lírica horaciana	37
5. AMIZADE	40
5.1 Os gregos e a amizade	41
5.2 Amizade e filosofia	43
5.3 Os romanos e a amizade	45
5.4 <i>De Amicitia</i>	48
6. EPODO 1	50
6.1 Original latino	52
6.2 Tradução	54
6.3 Uma proposta de leitura	55
7. CONCLUSÃO	82
8. BIBLIOGRAFIA	85

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa a verificar possíveis relações entre a amizade horaciana apresentada no *Epodo 1* e a amizade conceituada por filósofos e descrita por poetas da Antiguidade Clássica. Investigou-se de que maneira tal vínculo é caracterizado, tanto no que diz respeito ao conteúdo, quanto à forma: como é construído no texto, na linguagem, no tom e nas figuras empregadas por Horácio. Procurou-se descobrir, por fim, se, de fato, o poema configura um exemplo de amizade desinteressada ou se evidencia uma relação de patronagem existente entre os dois.

Compreendendo a obra horaciana como fictícia, buscou-se examinar somente a amizade literária existente entre Mecenas e o poeta. Cumpre assinalar que as referências a dados históricos ou biográficos foram utilizadas com a intenção de orientar uma leitura do texto, pois a poética de Horácio não somente é influenciada, de forma mediada, por acontecimentos de sua vida e de sua época, como também apresenta determinados conceitos que se modificaram ao longo dos anos. Entretanto, o movimento inverso, em que o texto literário descreveria a vida de Horácio, não foi empregado neste trabalho. No máximo, foram feitas especulações a partir de elementos textuais que, de fato, não devem ser considerados como evidências.

Para alcançar os objetivos propostos, procedeu-se a um levantamento de composições do poeta ligadas à amizade, a Mecenas, a demais amigos e à batalha de Ácio; a seguir passou-se à tradução¹ das mesmas, com base em textos latinos estabelecidos por F. Villeneuve na edição *Les Belles Lettres*, e à análise que levou em conta aspectos literários, linguísticos, estilísticos, dentre outros. Contudo, somente a tradução do *Epodo 1*, escopo do presente trabalho, foi apresentada integralmente.

Portanto, a intertextualidade foi um recurso utilizado para a análise da amizade na poética horaciana. Assim, quando oportuno, estabeleceu-se ainda um diálogo entre as obras do poeta e as de outros autores da Antiguidade Clássica.

Para uma leitura mais detalhada do poema, houve, inicialmente, a necessidade de um estudo, a partir de historiadores modernos, a respeito do fim da república romana, período em que o epodo foi escrito. Deve-se acrescentar que a pesquisa histórica foi de

¹ As traduções das citações referentes às obras modernas em idioma estrangeiro na bibliografia e aos textos latinos são de autoria nossa.

suma importância, visto que o poema faz referência à batalha de Ácio e evidencia uma adesão, por parte do venusino, aos ideais augustanos.

Como se observa na poética de Horácio um constante diálogo com a tradição lírica, tanto em relação ao conteúdo dos poemas, quanto ao que concerne aos aspectos formais, sentiu-se a necessidade de fazer um breve estudo do gênero lírico desde seus primórdios, na Grécia, até o período augustano.

Apesar de se tratar de uma obra fictícia, o *Epodo 1* é fruto de acontecimentos da vida do poeta e de sua forma de observar o mundo. Com isso, para um melhor entendimento do texto, foi de extrema relevância investigar aspectos da vida do autor e características gerais de sua poética.

Analisar um texto antigo a partir de conceitos modernos seria um anacronismo. Para evitar este erro, foi feito um estudo acerca da amizade na Antiguidade Clássica a partir de teóricos modernos, em especial Konstan, bem como de autores clássicos como Aristóteles, Epicuro, Cícero, dentre outros.

A escolha do primeiro epodo deveu-se a sua relevância. Notadamente, é uma composição de acentuada importância histórica, por fazer referência não só à batalha de Ácio, a figuras históricas como Mecenas, Otaviano e o próprio Horácio, mas também às relações de amizade e patronagem existentes na época; o referido poema além de ressaltar diversas regiões geográficas e determinadas práticas rurais da época, pode ser entendido como um interessante discurso sobre a amizade e, ao mesmo tempo, um texto em que se vê a adesão do poeta aos ideais augustanos.

Cabe lembrar que, além de seu valor histórico, a composição analisada possui um valor literário, pois dialoga com outros poemas de Horácio bem como com obras de outros poetas greco-latinos. No tocante à linguagem e ao estilo, vale acrescentar que há uma variedade de figuras de linguagem e de estruturas linguísticas que mereceram ser analisadas para uma maior compreensão do poema.

Por fim, entende-se que o estudo do *Epodo 1* é de grande importância para o conhecimento do próprio homem, por versar sobre uma instituição que existiu e existirá em qualquer cultura e em qualquer época: a amizade.

Além disso, o presente trabalho, de um lado, buscou oferecer pequenas contribuições para a compreensão da poética horaciana, de outro, a partir de um diálogo entre diversas obras literárias da Antiguidade Clássica, fornecer subsídios para ampliar

o conhecimento acerca de vínculos de patronagem e amizade existentes no mundo antigo.

2. CONTEXTO HISTÓRICO

A batalha de Ácio, a que Horácio faz alusão no epodo a ser analisado, marca o término do regime republicano e o fim de um período de grandes guerras civis, em Roma, ocasionadas, sobretudo, por disputas políticas. No entanto, os germes do declínio da república surgem há mais de cem anos antes desse evento.

Devido à queda da poderosa Cartago e das conquistas orientais, houve uma série de modificações culturais, como a inserção do helenismo e suas correntes filosóficas; sócio-econômicas, como a distribuição das terras conquistadas aos ricos e o aumento da população escrava; políticas, como o aumento de poder da aristocracia senatorial.

Dessa forma, como grande parte dos latifundiários estivesse nas mãos dos romanos mais ricos, que utilizava mão de obra escrava em vez da livre, a população pobre e desempregada aumentava a cada dia.

Em tal contexto, surge Tibério Graco que, eleito tribuno da plebe no ano 133 a.C., propôs reformas agrárias que proibiriam grandes proprietários de possuírem terras muito extensas. Assim, os latifúndios deveriam ser entregues ao Estado, com indenização para seus antigos donos, e redistribuídos aos cidadãos pobres. A lei foi votada e aprovada, mas, quando Tibério tentou uma reeleição, foi morto, visto que tal recurso não estava de acordo com as legislações vigentes. Então, suas propostas não se concretizaram por causa da intervenção dos seus opositores.

No ano 123 a.C., seu irmão Caio Graco igualmente foi eleito na mesma magistratura e retomou a política de Tibério. O novo tribuno realizou alguns feitos com a intenção não só de oferecer melhores condições de vida para as classes baixa e média, mas também de formar um partido democrático: a criação de novas colônias e a venda, por um preço mais baixo, de trigo aos mais pobres, assim como a criação de leis que beneficiassem a classe equestre, antes associada à oligarquia senatorial.

O senado, no entanto, provocou um tumulto que culminou com o suicídio do revolucionário e o não cumprimento das leis de caráter popular dos irmãos Graco. A partir de então, a política romana ficava dividida entre dois grupos: os *populares* e os *optimates*. No período a seguir, estes dois partidos apoiarão respectivamente dois senhores de Roma: Mário e Sila.

Caio Mário, um simples camponês “que viria a ultrapassar os Gracos em popularidade e virulência revolucionária” (GRIMAL, 2008, p. 61), depois, soldado, foi

eleito tribuno e partiu para a África para combater contra o rei Jugurta, que matou seus próprios primos para unir o império que fora dividido por seu tio ao morrer. Em razão de suas tropas terem assassinado negociantes italianos, o mesmo foi considerado um grande inimigo de Roma.

Mário, já como cônsul, reorganizou o exército dando uma nova formação aos legionários e alistando voluntários, em geral, plebeus. A partir da profissionalização do exército, houve o aparecimento do soldado profissional, dedicado inteiramente à vida militar e mais apegado a seu general. Com isso, o cônsul derrotou Jugurta e outros bandos, os cimbros e os teutões, que ameaçavam Roma. Em seguida, Mário exilou-se no Oriente voluntariamente.

Em 88 a.C., após a revolução italiana, em que as cidades submetidas a Roma foram pacificadas a partir da concessão da cidadania a seus habitantes, todos os romanos que viviam no Oriente foram assassinados por Mitridates, um rei que estava dominando o Oriente, inclusive a Grécia.

Ao ser designado pelos aristocratas para conduzir a guerra no Oriente, Cornélio Sila, um hábil general, viu esta oportunidade desaparecer a partir do momento em que os populares sugeriram o nome de Mário para a tarefa. Diante de tal situação, aquele mobilizou o exército e marchou sobre Roma, pondo em fuga seus adversários e, em seguida, partiu para a guerra no Oriente. Em sua ausência, os dois grupos políticos lutavam entre si.

Em 85 a.C., Sila, após conseguir vitórias no Oriente, obriga Mitridates a aceitar a paz. Em seu retorno, ao encontrar uma Roma consumida por intensas guerras civis, Sila vence todos os obstáculos contra os populares e se faz ditador. Senhor absoluto de Roma, eleva o poder do Senado e diminui os direitos dos tribunos.

Após a renúncia de Sila em 79 a.C., Roma ainda permanecia em meio a guerras internas. Nesse período, surge Pompeu, um dos maiores generais de seu tempo, para combater contra Sertório, um antigo partidário de Mário, e contra Mitridates, que retomara a guerra contra os romanos. Não bastassem esses desafios, o Mediterrâneo é tomado por piratas, ladrões do mar, que dificultavam a livre navegação.

No entanto, diante de tais adversidades, o general obteve grandes triunfos, visto que venceu Sertório em 72 a.C., abateu Mitridates, expandiu o poder de Roma no Oriente de 66 a 62 a.C. e libertou o Mediterrâneo dos temíveis piratas. Durante este período, houve uma revolta de gladiadores liderada por Espártaco.

Enquanto Pompeu reorganizava o Oriente, Cícero, em seu consulado em 63 a.C., impede a aprovação de uma lei agrária que retoma os ideais dos irmãos Graco, com a intenção de evitar novas guerras civis. No mesmo ano, o grande orador denuncia uma conspiração contra Roma encabeçada por Catilina, um patrício demagogo que defendia ideias revolucionárias.

Segundo Cícero, o conjurado pretendia se apoderar de Roma. No entanto, ele foi surpreendido pela denúncia do cônsul por meio de seu célebre discurso *Catilinárias*. Apesar de ter salvado a pátria, como o próprio julgou, o período de novas guerras civis se aproximava graças à ambição de três homens: Pompeu, Crasso e César.

O segundo, designado comandante, deu fim a já citada revolta de Espártaco em 71 a.C e foi declarado cônsul ao lado de Pompeu no ano seguinte. Em 68 a.C., o último iniciava sua carreira política como questor. Além de ser um nome de grande importância para o partido popular, era bem visto por todas as classes sociais.

Apesar de os dois primeiros terem sido aliados, a relação entre ambos estava afetada graças a intrigas feitas por Crasso. Somente César, sendo um dos cônsules de 59 a.C., conseguiu promover a conciliação entre os dois com a finalidade de enfraquecer os obstáculos criados pelos aristocratas. De todas as medidas revolucionárias de seu consulado, a que mais incomodou os conservadores e os grandes proprietários de terra foi a apresentação de uma lei agrária.

Os conservadores, ao saberem que César intencionava propor uma reforma na lei judiciária em comício, buscaram, de todas as formas, dificultar este feito. Com isso, os três acordaram uma aliança com a finalidade de vencer os obstáculos impostos pela aristocracia. A união entre os três poderosos ficou conhecida como primeiro triunvirato.

No ano de 58 a.C., com um enfraquecimento do partido conservador, o senado nomeou César pro-cônsul da Gália Narbonense. Após o consulado de Pompeu e Crasso em 55 a.C., este passa a governar a província da Síria e o outro é representado por legados na Espanha, mas permanece em Roma. No entanto, um acontecimento trágico pôs fim a esta aliança: a morte de Crasso pelos partos na batalha de Carra.

Como Roma se encontrava num período de anarquia, o nome de Pompeu foi sugerido para se tornar ditador, no entanto este não aceitou. No período de eleições em 53 a.C., iniciam-se tumultos sangrentos entre os partidários dos candidatos a cônsules em via pública. Neste período, um aliado de César é morto: Clódio. Diante dos funerais

comoventes deste, o povo se manifesta hostilizando o senado e chamando Pompeu e César de ditadores. Bandidos se aproveitaram da situação e começaram a saquear casas.

Na ocasião, não havia um vínculo forte entre César, que se encontrava distante, e Pompeu, pois a esposa deste, filha de seu aliado, já havia falecido. Justamente pelo fato de César permanecer na Gália durante tanto tempo, ele começou a ser questionado pelo povo, pois se encontrava numa guerra interminável contra os gauleses.

Diante de tais agitações na república, da aversão do povo em relação a seu antigo aliado e de uma mudança gradual de sua postura, agora mais conservador, era cada vez mais difícil, para o mesmo, permanecer ao lado do demagogo César, cujo partido se encontrava enfraquecido. Com isso, Pompeu começa a ser conquistado pelo partido conservador do senado e pela aristocracia.

Desde 58 a.C., César coleciona uma série de vitórias na Gália. No entanto, em 52 a.C., Vercingetórige não aceita a dominação de seu povo imposta pelos romanos. Dois anos mais tarde, este é vencido e a Gália é totalmente dominada pelas legiões da república. Esse grande empreendimento deu ao general certa riqueza e um exército dedicado.

Em 50 a.C., o senado votou e aprovou que César e Pompeu abandonassem o poder. A partir deste acontecimento repentino, efetivou-se a conciliação entre Pompeu e o partido conservador. Por essa época, circulavam em Roma notícias de que César atravessava os Alpes com suas legiões. Em um discurso impetuoso contra o general, este foi declarado inimigo de Roma, e, por manobras dos conservadores, declarou-se estado de sítio. Com isso, Pompeu aceitou a incumbência de assumir o comando. Assim, passou a possuir amplos poderes e o tesouro do Estado.

No entanto, em janeiro de 49 a.C., César, com numerosas tropas, atravessa o rio Rubicão, que marcava o limite oficial de sua província, e se dirigia a Roma. Todas as cidades por onde passava se rendiam ao general. Diante desta notícia inesperada, os senadores tentaram, em vão, reunir tropas para uma resistência. Pompeu achou mais prudente salvar o que podia e partiu para a Grécia, acompanhado de grandes nomes. Tendo conquistado Roma, César tomou a Espanha após uma guerra contra aliados de Pompeu. Estes foram vencidos, e legiões se juntaram ao exército do vencedor. A partir daí, o mundo conhecido estava dividido entre o Ocidente, nas mãos de César, então ditador, e o Oriente, nas mãos de Pompeu.

Em Durazzo, depois de um longo tempo em que os dois senhores do mundo se encaravam, mas não se enfrentavam, houve uma batalha em que Pompeu saiu vitorioso sobre o exército enfraquecido de César. Nessa ocasião, aquele poderia ter liquidado este, se tivesse combatido com todos os seus homens. Diante dessa primeira vitória, os homens ilustres juntos de Pompeu estavam esperançosos e, ao mesmo tempo, impacientes. Assim, incitavam o general a atacar César mais uma vez. Persuadido, cedeu aos apelos daqueles e, no dia 9 de agosto de 48 a.C., ocorreu a batalha final na planície de Farsália, cujo vencedor foi César. Depois do acontecimento, Pompeu foge para o Egito, onde é assassinado traiçoeiramente, e muitos de seus partidários se refugiam em diversas regiões.

Em 47 a.C., César vence os pompeanos na África e, em 45 a.C. e derrota os restantes em Múrdica, na Espanha. Após todos esses triunfos, não existem mais obstáculos para César se tornar o senhor de Roma. Com isso, após a última vitória, foi homenageado como fosse um deus e foi nomeado pelo senado e pelo povo ditador perpétuo.

Desde a vitória sobre Pompeu, o poder de César crescia a partir de suas medidas. No senado, substituiu os conservadores partidários de Pompeu por homens novos. Além disso, enfraqueceu o poder dos magistrados. Por fim, criou uma série de leis que favorecia as classes menos favorecidas, como a distribuição gratuita de trigo e a limitação do luxo exagerado dos ricos.

Suas medidas e seu grandioso poder, como o de um rei, causavam um descontentamento crescente. Diante dessa situação, os restantes do partido aristocrata e os mais conservadores do partido democrático, influenciados por Cássio, um antigo questor, chegaram a uma conclusão: era preciso matar César. No entanto, esses homens, que se diziam defensores da república, precisavam de um herói: para tal, foi escolhido o cunhado de Cássio, Bruto, um homem influente entre todos os partidos e próximo de César. Assim, no dia 14 de março de 44 a.C., o ditador foi assassinado no senado pelos senadores.

Após o acontecimento, os conjurados tinham consciência de que não poderiam executar um golpe de Estado, pois o povo não o toleraria. A única opção, então, seria fazerem as pazes com Marco Antônio, amigo de César, seu lugar-tenente e, na ocasião, um dos cônsules. Estes, reunidos, chegaram à conclusão de que não definiriam o assassinato de César como um tiranicídio, pois todas as medidas deste, inclusive as

nomeações de cargos e magistraturas, seriam anuladas. Assim, a única solução para a situação seria a anistia, uma instituição grega, que concederia perdão aos envolvidos na morte do ditador.

Assim, se seus atos foram ratificados, o testamento que deixara não poderia ser anulado. Neste, César adotava Caio Otávio, seu sobrinho, que tinha 19 anos, e o declarava herdeiro de três quartos de sua fortuna. Além disso, deixou uma soma em dinheiro para cada plebeu e imensos jardins para todo o povo. Tais medidas comoveram a multidão, que naquele momento se encontrava abandonada. Em seguida, ao presidir os funerais do ditador assassinado, Marco Antônio pronunciou um discurso e, com isso, conquistou simpatias populares.

Enquanto Cássio e Bruto fogem de Roma, Otaviano regressa em abril. Este, caso não tivesse havido a anistia, teria como obrigação, segundo os costumes, persegui-los, pois assassinaram seu pai adotivo. Recém chegado, o jovem já se mostra atuante no cenário político. Incitado por conservadores, Otaviano tornava públicas as contradições de Marco Antônio que, segundo ele, favorecia os conservadores e os assassinos de César e, ao mesmo tempo, pretendia chefiar o partido cesariano.

O partido contrário a Antônio e favorável a Otaviano informou a este que o cônsul intencionava se apoderar de toda a herança deixada pelo antigo ditador. Com isso, ao saber que Marco Antônio, em outubro de 44 a.C., iria se encontrar com legiões vindas da Macedônia, o sobrinho de César parte para Campânia em busca de veteranos. Então, ambos começam a preparar seus exércitos.

Em 1º de janeiro de 43 a.C., o cenário político se encontrava bastante claro: os cesarianos tinham como único chefe Antônio, os conservadores apoiavam Otaviano. Em 21 de abril, os dois encontram-se em Módena. Depois de uma série de combates entre seus aliados e os do futuro Augusto, Antônio, com seu exército cansado, decide partir para a Gália Narbonense e se une a Lépido, pro-cônsul desta província.

Desde o período em que fugiram de Roma, Cássio e Bruto, juntamente com o filho de Pompeu, reuniram numerosas legiões. No entanto, Antônio, Lépido e Otaviano, separados, não teriam homens suficientes para combater contra aqueles. Ciente disso, o pro-cônsul tratou de reconciliar os dois inimigos.

Em seguida, grande parte do senado revoltou-se contra os membros que apoiavam Pompeu e aprovou uma medida que permitia a Otaviano candidatar-se ao consulado. Assim, em agosto, este se tornou um dos cônsules e uma de suas primeiras

medidas foi a anulação da anistia dada aos assassinos de César, ato que atingia diretamente o partido conservador que o apoiara. Por conseguinte, o partido cesariano encontrava-se fortalecido. Em Bolonha, os três homens oficializaram a aliança entre eles: o segundo triunvirato.

A ditadura coletiva, aprovada em comícios, dava amplos poderes aos três e teria a duração de cinco anos. Além disso, eles dividiram entre si exércitos e territórios. Para impor o novo regime, os mesmos declararam guerra contra os conjurados e criaram as proscricções com a finalidade de eliminar possíveis opositores. No entanto, Lépido não poderia guerrear contra Cássio e Bruto, pois estes eram seus cunhados. Logo, deveria permanecer na Itália.

Com isso, o cenário político se modificara: o partido aristocrata somente tinha o apoio dos conjurados que estavam no Oriente, já o partido popular contava com os triúnviros que dominavam os territórios restantes subordinados a Roma.

Em 42 a.C., em Filipos, os conservadores foram derrotados, entre os quais morreram figuras importantes como Cássio e Bruto. Assim, os triúnviros não tinham mais adversários e eram os donos do mundo. Após esta batalha, houve uma nova redistribuição das terras: o Ocidente é entregue a Otaviano, o Oriente a Marco Antônio e a África a Lépido.

Com isso, o antigo lugar-tenente de César parte para o Leste para reorganizar a região mais rica de todo o mundo conhecido. Em 41 a.C., encontra-se com Cleópatra, rainha do Egito, que lhe pede auxílio para consolidar o poder em seu reino. Para isso, é convidado a passar o inverno em Alexandria, onde se torna um instrumento político nas mãos da rainha.

Já o filho adotivo de César passa a ser o único senhor da Itália, livre dos homens mais ilustres que, outrora, lhe ofereceram perigo. No entanto, tinha a companhia de amigos, como Agripa, homem que comandou suas legiões em diversas ocasiões e Mecenas, seu representante político. Com a esposa de Marco Antônio morta, o casamento deste com Otávia foi encomendado para fortalecer a aliança entre estes.

Em 36 a.C., Otaviano fez com que os soldados de Lépido se revoltassem contra ele. A partir daí, apoderou-se de suas províncias e de suas legiões. Além disso, depois da fuga de Sexto Pompeu, filho de Pompeu Magno, assumiu seu exército. Assim, o mundo estava dividido novamente entre Ocidente e Oriente. No entanto, Marco Antônio, não obteve os mesmos sucessos em sua incursão pelo Leste, pois não

conseguiu conquistar a Pérsia, o que seria a realização de um empreendimento idealizado por César e revelado, antes de sua morte, a seu lugar-tenente.

Não havia mais razão para o triunvirato existir, pois o poder estava concentrado na mão de dois homens, não três, e não havia mais alguma guerra civil declarada. Desde que formaram tal regime, o povo nutria maior simpatia por Antônio, visto que este era “um soldado brilhante, generoso, cavalheiro, que sonha com grandes feitos. [...] Octávio faz má figura, é de fraca compleição, fechado, rodeado de amigos sem prestígio como aquele Agripa [...] e esse Mecenas” (GRIMAL, 2008, p. 81).

Ciente disso, Otaviano executa uma série de medidas para melhorar sua política, agradando a Itália. Prestou contas de seus atos, restabeleceu competências retiradas dos magistrados, deu fim a impostos menores, concedeu benefícios à plebe e, por fim, declarou que entregaria o poder, assim que entrasse em acordo com Antônio.

Este, em contrapartida, encontrava-se rodeado de companheiros que divergiam em relação à pessoa de Cleópatra. Uns eram favoráveis à rainha e queriam permanecer no Egito, outros eram adversários desta e sentiam saudades da Itália. Em 34 a.C., induzido pela rainha, o senhor do Oriente conquista a Armênia, o que lhe garante muitos metais preciosos. Ao lado de Cleópatra, Marco Antônio se mostrava cada vez mais distante de Otaviano e de Roma. Com isso, duas medidas romperam os laços existentes entre ambos: o reconhecimento de Cesarion como filho legítimo de César e o abandono de Otávia, irmã do outro triúviro.

Além desses motivos, Otaviano se mostrava contrário à política Oriental do outro triúviro porque sabia que o mesmo se preparava para derrubá-lo do poder. Outra consequência negativa para Roma seria a influência da cultura egípcia, que traria grandes modificações às tradições.

Conhecedor do prestígio de Antônio junto ao povo, o sobrinho de César, com isso, não poderia atacar diretamente a imagem deste homem. Entretanto, Cleópatra era mal vista pelos romanos. Assim, Otaviano esforçou-se para colocar a opinião pública contra a rainha do Egito e sua união contra o antigo general romano. Dizia-se, portanto, que esta impedia a conciliação entre os triúnviros, pois intencionava reinar sobre Roma.

No fim de 33 a.C., Antônio, assim como Otaviano, comoveu o povo ao declarar que largaria o poder. Entretanto, impôs uma condição: que o aliado fizesse o mesmo. Diante de tal declaração, o herdeiro de César foi obrigado a sair de Roma, em 31 de dezembro, para manter o poder sobre os exércitos. Seu retorno se deu no início de

janeiro de 32 a.C. por meio de um golpe de Estado. Temerosos, muitos políticos se refugiaram para o lado do antigo general romano, no Egito.

Os senadores que permaneceram, foram incitados a declarar guerra contra Cleópatra, não a Antônio. Tratava-se, portanto, de uma luta de Roma contra o Egito. Formalizado o duelo, Otaviano parte para o golfo de Ambrácia, região onde a frota oriental se encontrava, no início de 31 a.C.. Diferentemente desta, a esquadra ocidental era constituída de navios mais leves e manobráveis, conquistados por Sexto Pompeu contra os liburnianos. Desta forma, as frotas se encontram no Ácio, um canal que dava acesso ao golfo já citado. Depois de um período de inércia, as esquadras se colocaram frente a frente, em posição de batalha.

Já em meio ao combate, Cleópatra ciente de que a derrota poria fim às suas pretensões e a vitória poderia implicar o retorno de Antônio para Roma, decide fugir, e seu amante a segue. Entretanto, os soldados não perceberam tal feito, logo a batalha continuara. Visto que o senhor das legiões orientais não era encontrado, seu exército começa a se desarranjar e, em 9 de setembro de 31 a.C, rende-se definitivamente. O amante da rainha egípcia e antigo triúviro “sucumbiu neste duelo supremo, não pelo valor do adversário [...] mas pelas insolúveis contradições da sua dupla política, egípcia e monárquica, republicana e romana na aparência” (FERRERO, 1963, v.3, p. 424).

Depois da vitória, as cidades aliadas ao reino egípcio renderam-se, em geral, sem combates. O casal egípcio, refugiado em Alexandria, suicida-se. Não havendo mais opositores, em 29 a.C., são celebradas as festas triunfais e Otaviano se torna senhor do mundo. Cai, por fim, a república e cessam as batalhas internas iniciadas com o assassinato de Tibério Graco; inicia-se o império.

3. O LIRISMO EM ROMA E SUAS ORIGENS

O gênero lírico recebe a denominação de filólogos alexandrinos em virtude do instrumento que acompanhava os cânticos na Grécia: a lira. Com isso, para os antigos, outras formas poéticas como a elegia e o iambo não eram classificadas como poesias líricas, já que tinham como acompanhamento instrumentos de sopro.

Mesmo quando todos esses gêneros passam a ser somente escritos e declamados, a musicalidade, que intensifica o caráter emocional, encontra-se presente por meio do ritmo, de fonemas ou de figuras de linguagem.

Como Horácio foi influenciado por todas as formas poéticas referidas, para o presente capítulo, o termo lírico será utilizado na concepção moderna, que define uma espécie de poesia que se contrapõe à épica.

Diferentemente do que ocorre na epopeia, em que o sujeito versa sobre um objeto a partir de um distanciamento, no poema lírico há uma fusão entre sujeito e objeto. Portanto, há um predomínio da primeira pessoa, seja para falar de seus sentimentos, seja para expor seu ponto de vista em relação a algo.

A partir da referida fusão, a observação e compreensão do eu e do mundo se dão em outro nível distinto da visão objetiva. Com isso, a linguagem utilizada torna-se ambígua, marcada por repetições, construções ilógicas. As relações lógicas de causa e efeito, marcadas pela subordinação, abrem espaço para estruturas coordenadas, que valem por si só.²

3.1 A lírica grega³

Para se compreender a poesia lírica latina, é preciso conhecer suas origens que, em grande parte, se encontram na arte grega. Desde os tempos mais remotos, em diversas civilizações, o homem sempre sentiu a necessidade de expressar seus sentimentos. As artes foram, por conseguinte, um meio para o indivíduo registrar suas emoções, acontecimentos importantes, reverenciar seus deuses, interagir com os demais e se entreter.

Cabe ressaltar que se entende por lirismo a expressão de sentimentos pessoais. As manifestações desta natureza mais antigas de que se tem conhecimento entre as

² Cabe ressaltar que também há ocorrências de parataxe no gênero épico.

³ As informações contidas neste item são provenientes de estudos de especialistas na área.

civilizações do Mediterrâneo são os cânticos. Em tais composições, poemas eram associados à música e, em geral, à dança. Assim, estas manifestações poéticas eram entoadas ao som de instrumentos específicos como a lira, que poderia ser substituída pela cítara e pela flauta. Acompanhando a música, a dança era executada pelos coristas de forma harmoniosa.

Apesar da existência de manifestações líricas nos primórdios da civilização grega, a poesia épica foi a primeira a se cristalizar, pois os textos literários ocidentais mais antigos de que se tem conhecimento são as epopeias *Iliada* e *Odisseia*, atribuídas a Homero. No entanto, o lirismo se encontrava no interior destas obras e, por isso, “A lírica grega nasce da epopeia” (SCHÜLER, 1985, p. 33).

Entre os anos 650 e 500 a.C., observa-se o nascer de textos propriamente líricos, em que o sujeito se libertava da objetividade épica. A partir desse momento, o poeta que, antes, contava fatos grandiosos de pessoas ilustres para que o povo não esquecesse sua tradição, agora fala de si mesmo, de seus amores, de seus temores e de suas alegrias.

Enquanto a poesia épica utilizava o hexâmetro, a lírica criou diversos metros, que produziam ritmos diferentes em consonância com os diversos sentimentos do indivíduo e os assuntos tratados. “Na arte poética horaciana, [...] ressalta-se a questão da adequação entre o assunto escolhido pelo poeta e o ritmo, o tom e o metro” (SOARES, 2003, p. 11). Em relação à linguagem, as produções épicas compartilharam o mesmo dialeto, já os poemas líricos possuíram dialetos distintos de acordo com a origem de cada modalidade lírica. Os mitos, elementos fundamentais das epopeias, se transformam em simples recursos poéticos empregados em função da expressão pessoal.

O desenvolvimento da lírica está diretamente relacionado às modificações sociais ocorridas na Grécia a partir do século VIII. Antes deste período, havia uma grande estabilidade na sociedade grega, visto que o poder e as riquezas estavam concentrados nas mãos de uma pequena aristocracia. A partir do processo de colonização iniciado na época, cidadãos comuns abandonam suas cidades e fundam colônias em regiões além-mar. Neste novo contexto, o indivíduo só depende de si para conquistar riquezas a partir do comércio, que se desenvolve intensamente. Portanto, deixa de ser um homem no meio de muitos para se tornar um único, entregue a seu destino. Na medida em que a individualidade se desenvolve e a insegurança cresce, o indivíduo se preocupará mais com questões que afligem seu eu. Em vez de querer relembrar fatos passados relacionados a seu povo, o mesmo se preocupará em expressar

sentimentos momentâneos. Assim, na medida em que a burguesia se desenvolve, a subjetividade ganha espaço em relação à objetividade da aristocracia.

No período arcaico da literatura grega, existiram as seguintes modalidades de poesia lírica: a lírica monódica, entoada por uma única voz, que abrangia a elegia, o iambo e a ode, e a lírica coral, cantada, evidentemente, por um grupo de vozes, um coro.⁴ A respeito destes, “Le lyrisme monodique (on pourrait dire aussi ‘individuel’), était issu des chants populaires, et le lyrisme choral (ou collectif) des chants religieux”⁵ (MARTIN, 1981, p.71).

A poesia elegíaca, originária, provavelmente, do Oriente, é caracterizada, sobretudo, por sua forma métrica: o dístico elegíaco (hexâmetro e pentâmetro). Essa forma poética não expressa, necessariamente, um sentimento melancólico, embora, em sua origem, esteja relacionada à lamentação fúnebre. No período arcaico da literatura grega, os poetas compuseram elegias de temas bastante variados.

A elegia guerreira é representada por Calino (660 a.C.) e Tirteu (640 a.C.), que exortavam a juventude ao combate. A temática sentimental é abordada por Mimnermo (630 a.C.), que cantava os amores, suas tristezas e preocupações relacionadas à brevidade da vida. Tem-se também Sólon (600 a.C.), que, além de elegias, escreveu iampos. Nas duas modalidades, dedicou-se o mesmo a questões políticas. Por fim, pode-se citar a temática moralista, cujo representante é Teógnis (530 a.C.).

A poesia iâmbica, que se tornou literária graças a Arquíloco de Paros, por apresentar uma proximidade com a norma da fala devido a sua cadência rítmica, adquiriu um caráter mais popular. Esta forma poética caracteriza-se por uma grande variedade de temas, abrindo espaço para as reflexões morais, o amor, as recordações autobiográficas, as invectivas e as sátiras.

Arquíloco (650 a.C.), ao romper com a tradição épica, compôs uma poesia capaz de explorar temas cotidianos. Seus iampos são caracterizados, sobretudo, pela presença de ataques pessoais. Semônides (630 a.C.) produziu sátiras menos pessoais que Arquíloco e compôs reflexões morais. Posteriormente, Hipônax (540 a.C.) retomou esta forma poética com invectivas pessoais e escreveu poemas em estilo realista.

⁴ Enquanto Martin (1981) considera lírica monódica somente a ode ou canção, Schüler (1985) inclui a elegia e o iambo nesta categoria. Tal distinção decorre, provavelmente, das diferentes concepções de gênero lírico apontadas no início do capítulo.

⁵ O lirismo monódico (poder-se-ia dizer também ‘individual’), vinha dos cantos populares, e o lirismo coral (ou coletivo) dos cantos religiosos.

Segundo a tradição mitológica, a cabeça e a lira de Orfeu, que foi despedaçado pelas mulheres da Trácia apaixonadas por ele, chegaram a Lesbos, onde se construiu um túmulo em homenagem ao poeta. Nesta ilha, floresceu a ode ou canção, uma manifestação poética breve, em que o poeta expressava seus sentimentos, acompanhada, sobretudo, pela lira. Tal composição apresenta uma grande variedade de metros, dentre eles a estrofe alcaica e a sáfica. De acordo com estudiosos, tais canções são classificadas em “las canciones de amor, *erotiká*; las conviviales, *sympotiká*; y las relativas a los combates políticos, *stasiotiká*”⁶ (CANCELA, 1990, p. 109).

Alceu (600 a.C.) rompeu com a tradição épica, produzindo uma poesia de caráter popular, com metros inovadores. Em suas canções de mesa, de amor e de guerra, a clareza, muitas vezes, cede à sugestão. Safo (600 a.C.), considerada desde a Antiguidade Clássica uma poetisa notável, utilizando uma métrica própria, compõe poemas de grande expressividade, nos quais versa sobre a paixão, a morte e os deuses. Posteriormente, Anacreonte (530 a.C.), ao celebrar a amizade, o amor e os prazeres das cortes onde viveu, expõe seus conflitos interiores de uma forma contraditória, em que “le ton enjoué laissait parfois transparaître une certaine mélancolie”⁷ (MARTIN, 1981, p. 71).

A lírica coral exigia a participação de um grupo de pessoas, o coro, que poderia variar entre sete e cinquenta membros que dançavam de forma harmoniosa ao som da música. Estas manifestações artísticas estavam relacionadas a celebrações de acontecimentos que envolviam toda a coletividade. Em sua origem, esta forma poética estava diretamente associada a rituais religiosos, em que os mitos possuíam papel de destaque. No entanto, com o passar dos anos, o referido gênero assumiu um caráter literário e passou por um constante processo de dessacralização.

No *Período de los fundadores*, destaca-se Alcman (650 a.C.), compositor de parteneus, cantos de procissão executados por um coro de mulheres que canta as belezas, a natureza, as origens do mundo e o amor. No *Período de los progresos técnicos*, destacam-se Estesícoro (590 a.C.) responsável pela criação da tríade (estrofe, antístrofe, epodo), organização estrófica utilizada pela lírica coral posterior. Já Íbico (540 a.C), compositor de encômios, cantos de elogio a alguém, afasta-se da tradição épica, visto que evita formas fixas e a objetividade dos fatos. No *Período de la*

⁶ As canções de amor, *erotiká*; as conviviais, *sympotiká*; e as relativas aos combates políticos, *stasiotiká*.

⁷ O tom alegre deixa por vezes transparecer certa melancolia.

perfección, Simônides (520 a.C.) é atraído pelas ideias filosóficas a respeito da vida e da conduta dos homens. Utilizando uma linguagem coloquial, suas sentenças se tornaram bastante populares.⁸ Por fim, Píndaro (518-438 a.C.), último poeta do período arcaico, foi considerado o maior lírico por muitos gregos e romanos da antiguidade clássica. “Ninguém antes ou depois dele atribuiu valor maior à poesia” (SCHÜLER, 1985, p.55). Em sua poesia, as metáforas são abundantes, palavras abstratas se relacionam com as concretas e a lógica cede à fantasia do poeta. Em relação à forma, há uma grande variedade métrica.

Píndaro viveu em uma época de transição, em que a antiga aristocracia cedia poder às classes ricas, dos mercadores, e às médias, de trabalhadores assalariados e artesãos. A consequência de tais modificações foi a criação de um novo regime político, sobretudo na cidade-estado Atenas. Desse período de democracia ateniense (508-323 a.C.), só restaram fragmentos de poesia lírica do poeta Timóteo (447-357 a.C.).

No século IV a.C., a Macedônia, que fora um reino pouco importante, tornou-se uma potência militarmente armada que colocou a Grécia continental sob seu domínio. Com as conquistas de Alexandre, o Grande, a língua e a literatura gregas se espalharam pelo Mediterrâneo e parte da Ásia. Nesse período, conhecido como Alexandrino ou Helenístico (século IV - século I a.C.), em que a poesia se torna uma prática de homens letrados, “vamos encontrar uma lírica emancipada, liberta da música, manifestando-se como forma exclusivamente literária em elegias, idílios, epigramas, hinos e outras espécies menores” (CARDOSO, 1989, p.55).

Destaca-se, nesse período, a produção lírica de centros culturais criados por Alexandre, sobretudo Alexandria e Siracusa, onde se reuniam intelectuais, artistas e poetas. No primeiro centro, um poeta de grande importância foi Calímaco (315 a.C. – 244 a.C.), que deixou marcas de erudição em seus poemas líricos, compostos em diversos metros conhecidos. No segundo, Teócrito (305 - ?), que se dedicou a idílios, poesias breves, com temática variada. Os poemas de temática campesina originaram a poesia bucólica como gênero lírico.

⁸ Foram adotados os três estágios de evolução da lírica coral apontados por Cancela (1990).

3.2 A lírica latina

No que diz respeito à literatura latina, observa-se que o gênero lírico evoluiu de forma diferente do que ocorrera na cultura helênica. Em ambas as culturas, o lirismo origina-se em manifestações populares relacionadas a celebrações e a religião. No entanto, a partir do contato com a literatura grega, com séculos de evolução, o poeta romano assimila e compõe obras seguindo o modelo mais maduro. Então, enquanto a literatura helênica percorreu um longo caminho para se desenvolver, a latina “était née en quelque sorte déjà adulte”⁹ (MARTIN, 1981, p. 72).

Cabe ressaltar, no entanto, que, para os antigos, seguir ou copiar o estilo de algum poeta não significava um desrespeito. Pelo contrário, era sinal de admiração. Desta forma, em veneração à cultura e ao pensamento helênico, o romano produzirá obras com a intenção de se igualar, ou até mesmo superar a arte desta civilização.

Assim como os gregos, diversos povos do mediterrâneo produziram manifestações artísticas rudimentares compostas por poesia e música: os chamados cânticos. Nos primórdios da cultura latina, os artistas utilizavam uma única forma métrica para todas as suas composições: o verso *satúrnio*. Sabe-se que este era caracterizado por uma alternância entre sílabas breves e longas, que podiam ser alteradas, permitindo, por conseguinte, diferentes possibilidades rítmicas.

Havia, entre os romanos, variados tipos de cânticos: os heroicos, os fesceninos, os religiosos e os funerários. Dentre eles, os dois últimos apresentam traços nitidamente líricos. Em relação aos cânticos religiosos, havia: *Carmina Arualia* (Cantos dos irmãos Arvais), caracterizados por serem repetitivos e monótonos, recitados em procissões, e *Carmina Saliorum* (Cantos do Sális), que eram cantados e acompanhados de danças. Já em relação às *Naeniae* (Cânticos funerários), estas eram executadas por cantores seguidos de um grupo de carpideiras.

Cumpre ressaltar que tais manifestações artísticas representavam uma literatura rudimentar. Somente com a conquista de Tarento, em 272 a.C., quando o romano teve contato direto com a cultura grega, a poesia lírica passa a assumir um caráter propriamente literário. Neste período de grande influência da cultura helênica, no tocante à lírica, destacam-se o hino a Juno de Lívio Andronico (240 a.C. – 207 a.C.)¹⁰ e

⁹ Nascia de certo modo já adulta.

¹⁰ Período da produção do poeta.

trechos líricos contidos em tragédias de Ênio (239 a.C. – 169 a.C.). Este último, considerado o pai da literatura latina, foi responsável pela substituição do verso satúrnio pelo datílico. O fim da primeira guerra púnica marca o início do período arcaico da literatura latina (241 a.C. – 81 a.C.)

Até então, a partir do contato com o povo grego, Roma só produzira poesia latina de grande extensão expressa nos gêneros épico e dramático. Somente a partir do século I a.C., quando a poesia alexandrina começou a ser divulgada entre os romanos, o gênero lírico desenvolveu-se intensamente.

Na primeira metade do século I a.C., época conhecida como idade de Cícero do período clássico, quando a prosa chega a seu apogeu a partir de textos do próprio Cícero e de César, surge em Roma a escola literária dos *poetae noui*. O grupo, conhecedor da literatura grega arcaica e alexandrina, rompe com o modelo de poesia praticado até então pelos romanos, produzindo, assim, poemas mais curtos, melódiosos e de caráter pessoal. A lírica monódica, sobretudo de líricos arcaicos como Alceu, Safo e Anacreonte, e de helenísticos como Calímaco, foi a forma poética que mais influenciou os novos poetas.

Dos integrantes do grupo, Catulo (87 a.C. – 54 a.C.) é o mais representativo. Em seus poemas, 116 ao todo, encontra-se uma linguagem expressiva, bastante ornamentada e carregada de figuras de linguagem. O poeta, além de ser o introdutor de vários metros gregos em latim, compôs versos caracterizados por uma riqueza vocabular que, tanto demonstravam sua erudição, quanto sua sensibilidade para apreender as expressões do dia-a-dia. Em sua poética, sobretudo em composições dedicadas a Lésbia, grande paixão de seu eu-lírico, observa-se a complexidade do homem que, apaixonado, pode apresentar diferentes sentimentos em relação à amada: desde o amor mais doce até o ódio, explicitado por agressões verbais. A partir das contribuições do referido poeta e de outros autores do período de Cícero, estabelece-se uma língua literária estruturada, que será adotada e aperfeiçoada por poetas posteriores.

A partir desse momento, a literatura latina possui alicerces para se aprimorar ainda mais. Com isso, inicia-se um novo período em que a poesia chegará à perfeição: a idade de Augusto do latim clássico. O papel do filho adotivo de César é fundamental para o desenvolvimento da poesia em Roma, pois, além de incentivar as artes juntamente com seu conselheiro Mecenas, trouxe a paz, dando fim às intermináveis guerras civis ocasionadas por políticas opostas. No entanto, ainda em momentos

turbulentos, surgem dois expoentes da literatura latina: Horácio (65 a.C. – 8 a.C.), que será estudado em capítulo à parte, e Virgílio (70 a.C. – 19 a.C.).

O mantuano, como é conhecido, inspirado em Teócrito, já citado, retoma o tema pastoril em seus dez poemas campestres conhecidos como *Bucólicas*. Apesar de algumas bucólicas serem dialogadas, a obra é classificada como lírica em virtude da musicalidade presente em seus versos e da expressão de sentimentos pessoais. Na obra mencionada, o campo é um ambiente idealizado, onde o pastor, indivíduo sensível e astuto, pode viver em ócio, dedicando-se à música e à poesia. Em tais poemas, Virgílio, além de abordar o tema do amor, faz alusão a acontecimentos históricos, como a distribuição de terras aos veteranos de guerra. Assim como em Catulo, a erudição está presente a partir de referências a poetas, artistas, cientistas, dados mitológicos e filosóficos. Apesar de aparentemente simples, sua linguagem demonstra uma grande riqueza no que diz respeito à ordem e à escolha vocabular, ao uso de figuras de linguagem, e à riqueza de suas descrições.

Terminadas as guerras, inicia-se um período pacífico em que Otaviano se tornaria o imperador Augusto. Nesse novo ambiente, além de Horácio e Virgílio, adquirem notoriedade os poetas Tibulo, Propércio e Ovídio.

Na Grécia, como foi observado anteriormente, o gênero elegíaco estava relacionado a uma grande variedade de temas. Entretanto, em Roma, o poeta Cornélio Galo (69 a.C. – 26 a.C.), que cantou seus amores em versos que não chegaram à posteridade, será considerado criador da elegia romana. A partir de Galo, o dístico elegíaco será utilizado para expressar o amor, embora dele façam parte outros temas.

O poeta elegíaco Tibulo (60 a.C. – 19 a.C.), com seu estilo simples, versou sobre seus amores com Délia, uma jovem bela, com Márato, um jovem escravo, e com Nêmesis, uma cortesã. Apesar de seu eu-lírico possuir um sentimento sincero e puro, ambos os amantes referidos o deixam em troca de benefícios materiais. Além do tema amoroso, são exaltadas a paz e a vida campestre.

Propércio (45 a.C. – 15 a.C.), com um estilo complexo no que concerne à seleção vocabular e à fatura de figuras, também compôs elegias amorosas, sobretudo dedicadas a sua musa Cíntia. O poeta “construiu um retrato feminino complexo – o mais detalhado de toda a poesia latina conhecida” (CARDOSO, 1989, p.75). Aderindo aos ideais augustanos, dedica-se a temas de interesse nacional.

O último grande lírico não só da idade de Augusto, mas dos períodos clássico e pós-clássico é Ovídio (43 a.C. – 17 d.C.). Em sua juventude, o poeta retoma o tema amoroso, bastante explorado por Propércio e Tibulo, em obras como *Amores*, *Heroides*, *Os remédios de amor*, *Produtos de beleza para o rosto da mulher*. Em uma fase mais madura, são compostas as *Metamorfozes*, obra de difícil classificação, mas acentuadamente lírica. Por fim, quando exilado, sua poesia é tomada por um tom de amargura, causada por seu envelhecimento solitário. Nesta época de sua vida, são compostos os *Cantos tristes* e as *Cartas pôntricas*. Em relação à métrica, o poeta utilizou o hexâmetro datílico e o dístico elegíaco. Sua linguagem, embora rebuscada graças ao uso de figuras de linguagem, é fluente e graciosa. Por estas características e por sua capacidade de retratar a sociedade de seu tempo, Ovídio foi o poeta mais lido por seus contemporâneos.

No período pós-clássico da literatura latina, poucos são os poetas que se destacam no gênero lírico.

4. HORÁCIO: VIDA E OBRA

Quinto Horácio Flaco nasceu no dia 8 de dezembro de 65 a.C. em Venússia, um pequeno povoado localizado na cidade de Apúlia, ao sul de Roma. Filho de um cobrador de impostos, dono de pequenas propriedades, não se envergonhava da condição de seu pai: um escravo libertado.

Embora não fosse rico, fez grandes esforços para que seu filho tivesse acesso a uma educação melhor do que aquela oferecida em sua terra natal. Para isso, mudou-se para Roma, onde Horácio teve a oportunidade de ter aulas de Retórica e Gramática com grandes mestres. Além disso, ficou a cargo de seu pai sua formação moral, a qual o poeta se orgulhava de ter recebido.

Concluídos estes estudos, com o intuito de aprender filosofia, partiu para Atenas, onde somente os jovens ricos tinham a possibilidade de estudar. No ano de 44 a.C., após o assassinato de César, Bruto parte para Atenas com a intenção de organizar seu exército. Celebrado pelos jovens estudantes de filosofia, os quais o viam como um tiranicida, logo um defensor da república e da liberdade, Bruto facilmente conseguiu convencê-los a ingressarem em seu exército, no qual Horácio se alistou. Militando em favor da república, o venusino foi obrigado a largar as armas e fugir quando Bruto foi derrotado em Filipos.

4.1 A amizade com Mecenas

Ao voltar para Roma, encontrou-se sem pai, que morrera, e sem terras, que foram cedidas aos veteranos de guerra. Sem recursos, viu-se obrigado a trabalhar como copista, atividade que lhe rendia uma remuneração modesta. Nessa época, quando não ocupava uma posição social muito alta, dedicou-se à poesia, atividade que não lhe proporcionava rendimentos, mas lhe trazia certo prestígio e popularidade junto aos outros poetas e às altas classes.

Em 38 a.C., quando já tinha adquirido notoriedade entre os grupos intelectuais de sua época, por meio de dois notáveis poetas e amigos, Virgílio e Varo, foi apresentado a Mecenas, um nobre cavaleiro de origem etrusca, amigo de Otaviano e patrono de artistas ilustres. A partir de seu segundo encontro com o incentivador das artes, ocorrido nove meses depois, o jovem venusino foi aceito em seu círculo de

companheiros. Embora ocupassem posições sociais diferentes, nasceu uma profunda amizade entre os dois.

Com isso, o poeta, de origem humilde, filho de um escravo liberto, alcança as camadas mais altas de Roma. Logo, passa a gozar de grande prestígio diante da sociedade, uma vez que estava cada vez mais próximo dos poderosos. Era comum vê-lo percorrendo a cidade ao lado de Mecenas, ou vê-lo frequentando a casa deste, homem de vida luxuosa e alto colaborador de Otaviano.

Horácio e o incentivador das artes tornaram-se, portanto, companheiros inseparáveis, visto que o segundo fazia questão de ter o outro ao seu lado frequentemente. O vínculo existente entre os dois pode ser definido como amizade. No entanto, além de uma dependência afetiva, não se deve esquecer de que havia uma relação de patronagem entre os dois, pois Horácio era protegido e patrocinado por Mecenas.

A partir desse vínculo, o poeta não precisaria permanecer em seu antigo emprego. Assim, na medida em que tinha a oportunidade de abandonar os *negotia*, ele podia dedicar-se ao *otium* e, então, passar a dispor de mais tempo para exercitar sua poesia. Outro benefício oferecido por Mecenas, que permitiu ao poeta se aplicar a sua poética, foi a doação de uma propriedade rural, em 31 a.C., que era um desejo seu. Esta vila era, portanto, um refúgio da vida tumultuosa da cidade, sobretudo nos tempos de guerra entre Otaviano e Marco Antônio.

Embora assim o pareça, o venusino não era o único beneficiado nessa relação. Enquanto este recebia bens e patrocínio, Mecenas era recompensado com versos e poemas dedicados a ele. Além disso, Horácio, um defensor da república, mostrava-se simpatizante aos ideais de Otaviano, amigo de seu patrono.

No entanto, conforme foi comentado anteriormente, além da relação de patronagem, existiu, de fato, uma amizade verdadeira e desinteressada entre estas figuras. A troca de favores e a dependência material não são a base do vínculo existente, mas a afeição e admiração, que são descritas em diversos versos da poética horaciana. Por volta do ano 20 a.C., quando Otaviano já havia se tornado o *princeps* Augusto, observa-se que Mecenas, gradualmente, se retira para a vida privada. Entretanto, somente a morte pôde separar os dois amigos. Desta forma, em 8 a.C., dois meses antes de Horácio, o grande incentivador das artes morre.

4.2 O círculo de Mecenas

No século I a.C., três homens tornaram-se célebres por incentivarem a produção artística de seu tempo. Asínio Polião, um cônsul, foi responsável pela inauguração da primeira biblioteca pública romana e pela criação de um círculo literário. Poucos anos depois, Messala Corvino, político e militar, destacou-se por criar um círculo literário, cujo participante mais ilustre era o poeta elegíaco Tibulo. Por fim, um outro contemporâneo foi Mecenas, responsável por patrocinar célebres poetas que faziam parte de seu círculo. Sua importância foi tanta para o mundo das artes que, até hoje, a prática de financiar algum artista é conhecida como mecenato.

Ao redor de Mecenas, viviam indivíduos que eram seus clientes. Apesar de subordinados a seu patrono, eram homens livres que se associavam a ele visando à proteção, ascensão social e rendimentos. Dessa forma, os poetas não necessitariam de trabalhar e poderiam se dedicar exclusivamente à produção de suas obras, como ocorre com Horácio, que deixa de desempenhar a função de escriba.

Entretanto, há casos de clientes que buscam patronos e há casos em que patronos buscam clientes. Ambos se beneficiam dessa relação, pois possuir um grande número de subordinados traz prestígio ao patrono junto à sociedade. Mecenas, como se pode observar, não prioriza a quantidade, já que o seu número de associados não é extenso. O vínculo entre ambas as partes, neste caso, é baseado nas qualidades e virtudes, visto que clientes e patrono se admiram. Os princípios morais que regem o convívio destes indivíduos serão observados mais atentamente quando se fizer referência à *Sátira I, 9*.

Para os poetas que conviviam com esse incentivador das artes, dizer que eram seus clientes era motivo de orgulho. Por isso, falavam abertamente sobre o fato. Em muitos casos, esses indivíduos patrocinados utilizam o vocábulo *amicus* no lugar de *patronus*, para se referir a seu patrono. Tal utilização era vista, em geral, como uma forma de lisonjeio. No entanto, não é excluída a possibilidade de haver uma amizade verdadeira entre as duas partes, visto que, até mesmo os protetores referenciavam seus protegidos como amigos.

Eles eram companhias para o patrono em diversas ocasiões: na mesa de jantar; em seus momentos de *otium*; em suas viagens, como a narrada por Horácio, com destino a Brindes; nos passeios pela cidade e em outros eventos.

O círculo de Mecenas desempenhava um papel político discreto, mas funcional: a divulgação dos ideais augustanos. Poetas como Propércio relatam, em seus versos, que foram incitados pelo patrono para que compusessem poemas que versassem sobre temas de interesse nacional, em que as glórias romanas fossem exaltadas. Tal tarefa foi desempenhada com maestria por Virgílio em sua *Eneida* e por Horácio em suas odes cívicas. Outro poeta notável que favoreceu a política augustana foi Vário, com sua tragédia *Tiestes*, representada após os jogos que comemoraram a vitória da batalha de Ácio.

Até os dias de hoje, discute-se a respeito da natureza da associação entre os poetas do período augustano e Mecenas. Àqueles que questionam se estes vínculos se tratavam de amizades desinteressadas ou relações baseadas na troca de benefícios, a poética de Horácio aponta para a primeira opção.

É questionado também se o protetor os escolhia, ainda jovens, com a intenção de torná-los divulgadores dos ideais de Augusto. A respeito do assunto, sabe-se que, a despeito de os patronos solicitarem temas favoráveis ao *princeps*, os poetas eram livres para produzir conforme suas preferências. A prova disso é a grande multiplicidade temática de suas produções.

Embora se discuta acerca das causas dessas associações, algo é evidente: o círculo de Mecenas contribuiu efetivamente com a literatura latina. Graças à atuação deste incentivador das artes, Roma viveu, nesse período, o momento de ouro da poesia e criou alguns dos maiores talentos literários da história da humanidade.

4.3 Outras amizades

Desde quando ingressou no círculo de Mecenas, Horácio passou a ter contato com as pessoas mais ilustres de Roma. Visto, então, como uma pessoa importante, era alvo de interesseiros, que o procuravam para pedir favores e apoios. Tal fato será tratado na leitura de alguns trechos da *Sátira I, 9*.

No entanto, em meio a intelectuais e a nobres, o poeta fez amizades com as mais influentes personalidades de Roma: “Horácio se podia orgulhar da estima e da amizade de alguns dos mais relevantes cidadãos e intelectuais de Roma, entre os quais sobressaíam Asínio Polião e [...] Messala” (CITRONI, 2006, p.503).

Entretanto, somente um amigo lhe foi tão caro quanto Mecenas. Seu nome é Virgílio, admirado pelo poeta tanto por suas virtudes pessoais quanto por seu talento como escritor. Na *Sátira I, 6*, que será comentada posteriormente, é possível observar que Horácio faz referência ao companheiro letrado como *optimus Vergilius*.

O vínculo existente entre os dois não se encontrava na esfera de uma simples camaradagem. Tratava-se, de fato, de uma verdadeira e intensa amizade, na qual Virgílio poderia contar com seu apoio em momentos difíceis, como na morte de Varo, retratada na *Ode I, 24*. Para Horácio, ele era *animae dimidium meae*¹¹.

Outro grande amigo de Horácio e também de Virgílio foi Vário Rufo, poeta trágico e épico. Além de elogiá-lo como escritor, o venusino informa que seu ingresso no círculo de Mecenas se deveu a sua amizade com os letrados mencionados.

Dois outros amigos, poetas, citados em sua poesia são Plúcia Tuca e Quintílio Varo. Na *Sátira I, 5*, em que narra sua viagem a Brindes, o venusino conta que foi uma grata surpresa encontrar com o primeiro. Já o segundo é descrito na *Arte poética* como um excelente crítico literário.

Em virtude do prestígio de Horácio nas camadas mais altas da sociedade e nos círculos literários, até mesmo Augusto almejou ter uma obra do poeta dedicada a sua pessoa. Além de se relacionar com o *princeps*, o poeta foi convidado pelo mesmo para assumir a função de secretário pessoal, convite este recusado. No entanto, não se pode afirmar que esse contato pessoal tenha resultado em uma amizade.

4.4 Obras de Horácio

No período clássico da literatura latina, havia uma preocupação por parte dos poetas romanos em introduzir gêneros literários ainda não praticados em Roma, ou em substituir os modelos arcaicos. Desta forma, poetas como Catulo, Virgílio, entre outros, procuraram, inspirados nos modelos gregos, trazer diferentes formas de textos literários para a língua do Lácio.

Horácio, como será possível observar, mostrou-se um poeta bastante versátil, visto que compôs em diversos gêneros, alguns inéditos na literatura latina. Assim, dedica-se à sátira, com o intuito de atualizar e restaurar o gênero, cultivado em Roma por Lucílio, no período arcaico da literatura latina. Com isso, provavelmente, em 35

¹¹ Metade da minha alma.

a.C., Horácio publicou o primeiro volume de *Sátiras*, dedicado a Mecenas. Já o segundo data do ano 30 antes de nossa era.

As sátiras, denominadas *Sermones* por Horácio, são textos dotados de um tom conversacional, em que o poeta, ao observar a realidade quotidiana e os costumes do povo numa época em que Roma passava por grandes transformações, julgava os hábitos defeituosos que assolavam sua sociedade. Em contrapartida, oferecia como comportamento oposto um modelo ideal de moral, encontrado no ambiente privilegiado do qual fazia parte: o Círculo de Mecenas.

Entre 31 e 23 a.C. escreve e publica os primeiros três volumes de *Odes*. Já o quarto data de 14 a.C. Apesar do gênero não ser novidade em Roma, tinha sido ainda pouco experimentado por poetas antecessores. Assim, Horácio, influenciado por Alceu, Safo, Anacreonte e Píndaro, retoma ora a forma, ora o conteúdo dos cantos da lírica grega arcaica.

Com as *Odes*, Horácio alcança o ponto mais lírico de todas as suas composições artísticas. É possível observar que tais poemas possuem uma grande variedade de estilo, métrica, extensão e temas.

Um assunto muito caro ao poeta é o amor, que, segundo o próprio, deveria ser moderado, para que o indivíduo não fosse arrastado pela paixão. A amizade, assim como o amor, é tratada como um sentimento sereno e sincero, capaz de garantir tranquilidade, quando, por exemplo, consola Virgílio por causa da morte de Varo. A companhia de seus amigos, pelos quais demonstrava bastante afeição, proporcionava momentos prazerosos em viagens ou em jantares.

Tendo em vista que a existência era efêmera e a morte um fato concreto, a vida, para o poeta, é valorizada, devendo ser vivida com alegria. Apesar de não aceitar a tarefa de compor epopeias, o poeta escreveu odes de caráter cívico, em que eram elogiados Augusto e sua política restauradora.

Ao se dirigir a pessoas, fictícias ou reais, o poeta mostra-se como uma entidade dotada de grande sabedoria conquistada por sua experiência de vida e por conhecimentos de doutrinas filosóficas. Desta forma, comporta-se, em geral, como um conselheiro moral.

A linguagem utilizada por Horácio distancia-se da fala coloquial, visto que é bastante condensada. Com isso, cada vocábulo adquire uma carga de sentido bastante significativa. Nota-se que a combinação das palavras é fruto de um exaustivo processo

de seleção. Essas características imprimem um estilo harmonioso e equilibrado a sua poética.

As epístolas, publicadas a partir de 20 a.C., são divididas em dois livros e a *Arte Poética*.¹² No primeiro livro, assim como nas sátiras, há uma observação das fraquezas humanas. No segundo, assim como na *Arte Poética (Epistula ad Pisones)*, o tema a ser tratado é a literatura. Nessas composições, assim como na sátira, a linguagem se apresenta mais próxima da prosa.

Em 17 a.C., é composto o *Carmen Saeculare* para comemorar os *Ludi Saeculares*, uma cerimônia que remonta às origens da república romana e que possui a finalidade de rogar por tempos de prosperidade: a nova era inaugurada por Augusto. No poema, Horácio, utilizando estrofes sáficas, celebra a política augustana a partir de uma prece a Apolo e Diana.

O venusino, buscando utilizar formas distintas e pouco usadas na tradição romana para sua poesia, serve-se dos versos iâmbicos. Com isso, em 30 a.C. publica o único volume de *Epodos*. O iambo, na literatura grega arcaica, tem como principal representante Arquíloco que “Se não é o inventor do verso iâmbico, mais próximo da língua falada do que o dáctilo, cabe-lhe a glória de ser o primeiro cultor de envergadura da nova medida” (SCHÜLER, 1985, p. 40). Este gênero lírico possui as seguintes características: aproxima-se da norma da fala por causa de sua cadência rítmica, tem um caráter mais popular e apresenta uma grande variedade de temas. Em tais poemas, há espaço para reflexões morais, o amor, recordações autobiográficas, as invectivas e as sátiras.

Como já mencionado, tais composições de Horácio são conhecidas como epodos, não iampos. Na verdade, segundo comentadores, o venusino ao se referir a esses poemas, utilizava o termo iambo. Segundo Citroni (2006, p. 517.), “*Epodon liber* é atestado por gramáticos do século IV d.C. e pelos códices posteriores.” Sobre a natureza do termo epodo, na mesma página, o mesmo discorre: “Epodo (literalmente “canto que vem a seguir”) indica, na métrica grega, um verso que se seguia a outro verso mais longo numa estrofe de dois versos, a própria estrofe assim composta, e ainda poemas compostos por estrofes assim construídas.”

Cumprir lembrar que os epodos foram publicados no início da trajetória de Horácio como escritor, após a publicação das sátiras. Segundo alguns estudiosos, a

¹² Comentadores divergem a respeito da inclusão da *Arte Poética* no segundo livro de *Epístolas*.

produção das sátiras é simultânea à produção do primeiro volume dos epodos, porém, os mesmos marcam um período de transição do poeta satírico para o lírico das *Odes*, nas quais alcança o ponto mais lírico de todas as suas composições artísticas.

Assim como os iambos gregos, os seus também apresentariam uma multiplicidade de temas distribuídos nos dezessete poemas compostos. Com isso, há desde epodos mais agressivos, chegando, em alguns momentos, ao grotesco ou até a momentos mais melancólicos, quando fala de seus amores.

Os epodos, segundo especialistas, podem ser divididos nas seguintes categorias: aqueles dirigidos contra indivíduos, os divertidos, os cívicos, os amorosos e os báquicos. Além destes, há um que escapa a estas classificações: o epodo primeiro. Este, que será analisado no capítulo específico, segundo Villeneuve (HORACE, 1954), pode ser posto lado a lado das odes em que Horácio exprime melhor sua amizade com Mecenas.

4.5 Principais características da lírica horaciana

Talvez a expressão mais popular de sua poética seja *carpe diem*, traduzida, normalmente, por “aproveita o dia”. Tal termo é encontrado na *Ode I, 11*, em que o poeta aconselha Leucônoe a não se preocupar com coisas que estão além da capacidade humana e a aproveitar a ocasião, tirando da vida o que ela pode oferecer, pois o tempo, sendo hostil, foge.

A angústia em relação à fugacidade do tempo é algo combatido pela corrente filosófica da qual o poeta era adepto: o epicurismo. A brevidade da vida é um fato, assim como a certeza de que a morte irá chegar. Portanto, segundo sua doutrina, não faz sentido um indivíduo ficar aflito diante de algo que não pode ser modificado.

No entanto, assim como os filósofos, o poeta encontra em sua produção, a poesia, uma forma de vencer as barreiras do tempo. Com as *Odes*, Horácio afirma ter construído um monumento mais duradouro que o bronze. Desta forma, embora seu corpo morra, suas ideias permanecerão vivas por muitas gerações graças a sua qualidade artística e a abordagem de temas de caráter universal. De maneira semelhante, Sêneca, filósofo adepto do estoicismo, afirma em *De Breuitate Vitae* que, a partir do conhecimento, sobretudo aquele proveniente dos estudos filosóficos, o sábio pode prolongar sua vida ou até mesmo alcançar a imortalidade.

O epicurismo prega que, além da renúncia às preocupações desnecessárias, o indivíduo deve se contentar com aquilo que lhe é suficiente para saciar suas necessidades. Portanto, para o homem alcançar o verdadeiro prazer é necessário que se afaste dos exageros no que diz respeito ao consumo de comida, bebida, e às relações interpessoais, como amizade e amor. Para o venusino, toda paixão é vista como um excesso, portanto deve ser evitada, pois pode trazer sofrimentos a ele, que busca a serenidade e tranquilidade.

No entanto, evitar exageros não significa se entregar à pobreza. Para Horácio, uma vida bem vivida deve ser pautada pela moderação (*aurea mediocritas*). Há diversas passagens em que o poeta elogia a vida simples e critica a riqueza e o luxo da aristocracia. Este equilíbrio entre a riqueza e a pobreza é também “a atitude interior de quem deixa de aspirar grandes metas, a fim de não sofrer grandes desilusões” (CITRONI, 2006, p. 528).

É possível observar, por conseguinte, que estas ideias estão relacionadas a uma procura pela felicidade. Ele é, de fato, “o mais seguro mestre da vida” (PARATORE, 1983, p. 447). Possuidor de uma grande sabedoria proveniente de conhecimentos filosóficos e de suas experiências de vida, cria uma obra composta por versos dotados de uma grande serenidade e equilíbrio moral.

Orgulhoso da formação moral que recebeu de seu pai, Horácio buscou apontar os costumes defeituosos que assolavam a sociedade daquela época. Assim, convidava seu leitor a refletir sobre seus próprios hábitos ou oferecia, como comportamento oposto, um modelo ideal de moral, encontrado, sobretudo, no ambiente privilegiado do qual fazia parte: o Círculo de Mecenas. Desta forma, o poeta representou um papel importante na política augustana de restauração da moral e dos antigos costumes.

Tantas referências aos seus amigos, ao círculo de Mecenas, à educação que recebera de seu pai, às viagens, às cenas das guerras civis e a outros fatos possibilitam que se conheça a biografia do poeta a partir de seus textos, procedimento usado por muitos estudiosos. A autobiografia, portanto, torna-se um dos elementos mais importantes de sua produção artística. Entretanto, tal procedimento não é uma invenção horaciana, já que Lucílio, por exemplo, também utilizara tal recurso.

No entanto, deve-se tomar cuidado ao utilizar tal termo, autobiografia, para caracterizar um texto literário. Não se defende a ideia de que o autor escreva histórias ocorridas de fato, pois “A literatura não é o discurso do ‘aconteceu’, é o discurso do

jogo de possibilidades; ela não busca o ‘efeito de real’, ela é ‘outro real’” (BACCEGA, 2008, p. 86). Com isso, somente é possível afirmar que estes dados narrados, que fazem referência (ou não) ao mundo real, dizem respeito a Horácio enquanto narrador ou personagem. Assim, a relação entre estas informações, a seleção de dados, vocábulos e suas combinações, constituem um texto ficcional, ou seja, o outro real. Um exemplo seria o episódio em que narra, na *Ode II, 7*, sua fuga na batalha de Filipos. De fato, historiadores confirmam a informação de que Horácio militou junto de Bruto, mas o ato de largar as armas e fugir, que não é confirmado, não deve ser interpretado de forma literal: é uma clara referência a Arquíloco e a Alceu, logo, fictícia.

5. AMIZADE

Ao se comparar, em diferentes dicionários, o significado do vocábulo amizade, chega-se a seguinte definição: sentimento de quem é amigo; uma afeição recíproca entre duas pessoas; simpatia; estima; boas relações; dedicação; amor; benevolência.

A respeito destas informações, cabe salientar que simpatia, estima, boas relações, dedicação, amor e benevolência não são sinônimos ou definem o vocábulo analisado. Simpatia e amizade, por exemplo, ideias próximas, não significam a mesma coisa, visto que indivíduos podem ser simpáticos entre si sem que sejam amigos. O mesmo ocorre com os demais itens elencados. Na verdade, em vez de significados, estes são pressupostos de uma amizade.

Mais do que um sentimento, amizade é um vínculo entre dois indivíduos. Entretanto, não existiria uma ligação se não fosse uma conexão entre as duas partes. Desta forma, uma característica fundamental para que dois indivíduos sejam amigos é a reciprocidade, seja de afeição, seja de gestos.

Outro item não referido seria a lealdade. Em tempos de dificuldade, um indivíduo espera que seus amigos permaneçam a seu lado. Segundo Cícero (*De Amicitia*, 17.64)¹³, ao citar Ênio, “*Amicus certus in re incerta cernitur*”¹⁴. Com isso, numa relação de amizade, há um voto implícito de prestação de auxílios quando o amigo precisa. Contudo, cabe salientar que não há a obrigação de auxílio numa situação de crise, há apenas uma expectativa mútua de que isso ocorra.

Portanto, pode-se observar que há certas vantagens práticas em tal associação. Embora diferentes correntes filosóficas reconheçam estes benefícios recíprocos e algumas os valorizem mais, estes não devem ser a base da amizade. Indivíduos que se associam exclusivamente visando a proveitos são depreciados.

Além da lealdade, outra propriedade seria a fidelidade, esta que é de extrema importância para a manutenção do vínculo. No entanto, antigos e modernos concordam que um amigo não deve ser fiel em todos os momentos. Assim, quando uma das partes comete um erro, o outro não deve segui-lo cegamente, mas deve alertá-lo de maneira franca.

¹³ A referência a textos da Antiguidade Clássica será feita, em geral, de acordo com o original, para que o leitor possa consultar os trechos citados na tradução de sua preferência.

¹⁴ O amigo certo é conhecido na ocasião incerta.

A amizade se diferencia de outras associações entre indivíduos, pois é uma relação adquirida e não atribuída (KONSTAN, 2005). Tal característica está relacionada à sabedoria popular, que diz: “Parente não se escolhe, amigo sim.” Portanto, este vínculo diferencia de parentesco, vizinhança, que são relações atribuídas.

Outro traço desta união é seu caráter inclusivo, pois é possível que indivíduos, além de parentes, vizinhos ou partidários, sejam também amigos. Já outras relações, como as de parentesco, são excludentes, visto que não é possível ser pai e primo, tio e irmão ao mesmo tempo (KONSTAN, 2005).

Há outras associações que se assemelham bastante à amizade. O amor romântico, por exemplo, também pressupõe uma série de características aqui elencadas. Entretanto, tal vínculo pode apresentar traços distintos, como a proibição de que o parceiro se relacione com outro de forma amorosa e a prática de sexo entre as duas partes (KONSTAN, 2005). Além desta, a associação entre colegas, companheiros e conhecidos são bastante confundidas com a relação entre amigos. Entretanto, para ser um amigo, é necessário que haja intimidade entre os envolvidos.

Portanto, foi possível observar que, embora a amizade seja algo tão presente e essencial na vida de todos, não é uma tarefa simples definir este termo e estabelecer seus limites, para que não se confunda com outras relações. Contudo, para a leitura de um texto antigo, somente esta definição não basta. É necessária uma compreensão histórica, baseada em conceitos filosóficos e ilustrada por obras literárias da cultura greco-romana.

5.1 Os gregos e a amizade

Desde os primórdios da literatura grega, na epopeia *Iliada*, a amizade se mostra um laço importante na vida dos homens e no próprio desenvolvimento desta narrativa. A morte de Pátroclo, grande amigo de Aquiles, a quem ele amava mais do que os outros e mais do que a própria vida, causa sua ira contra os troianos, sobretudo contra Heitor, o qual o próprio assassina.

Em grego, não há uma palavra que signifique amigo como se compreende hoje. A palavra *philos* é a que mais se aproxima deste termo. Na epopeia homérica, tal vocábulo pode ser empregado como substantivo ou como adjetivo. No primeiro emprego, expressa um vínculo voluntário baseado em uma afeição recíproca. No

segundo, traduzido por “caro”, exprime lealdade. Há outros vocábulos que apresentam valores próximos a este. É o caso de *hetairos*, que seria um camarada ou companheiro, de viagem, por exemplo. Além deste, há o *therápōn*, uma espécie de escudeiro.

Assim como a epopeia, a lírica grega arcaica como um todo apresenta composições relacionadas ao tema da amizade, seja em festejos à mesa, seja nas batalhas. Nas festividades, os cantos eram entoados ao som da música e aos goles de vinho, combinação que alegrava e aproximava os indivíduos. Portanto, além de ter a amizade como uma de suas temáticas, tal poesia, neste ambiente, favorecia a manutenção e à criação de tais vínculos.

No período clássico da literatura grega, a palavra para amigo também era *phílos*, que designava “uma das partes de um vínculo de afeição e de boa vontade, e normalmente exclui tanto os parentes próximos quanto os conhecidos mais distantes, vizinhos ou concidadãos” (KONSTAN, 2005, p. 77). Contudo, o substantivo abstrato *phília*, comumente associado à amizade, apresenta um sentido mais amplo, pois admite vários tipos de afeição e de amor. Conforme se comentou anteriormente, a amizade era uma relação adquirida, diferentemente do que ocorre com a vizinhança ou parentesco. Desta forma, embora os gregos valorizassem tal vínculo, reconheciam que era uma relação mutável, com isso poderia ser rompida. Segundo Aristóteles, como será visto posteriormente, alguns tipos de *phília* tenderão a durar mais que outras.

Para se manter uma amizade, somente a afeição recíproca e a intenção de fazer o bem não são suficientes. Um amigo deve provar sua dedicação ao outro por meio de atos. Embora um auxílio em momento difícil não seja obrigado, há uma expectativa de que isso ocorra. Portanto, a omissão em tais situações é uma falta que pode levar ao rompimento desta relação, chegando até a uma inimizade. Da mesma forma, um parente que ofereça ajuda em situações críticas pode acumular a função de amigo, visto que tal relação, conforme foi visto, possui um caráter inclusivo.

Na democrática Atenas, assim como em Roma, as barreiras entre amizade e política são tênues. Em geral, neste ambiente, os indivíduos que se associam desempenham o papel de um *hetairos*, companheiro e partidário político. A maioria destes vínculos são superficiais, visando apenas a auxílios e promoção. Para constituir uma amizade mais profunda, era necessário que as barreiras entre o nível público e o particular fossem ultrapassadas. Conforme foi comentado anteriormente, a intimidade é um traço que distingue a amizade de relações de camaradagem. Um *hetairos* se

diferencia de um *philos*, pois este frequenta a casa do amigo, mantém uma proximidade com a família do outro, assim como há uma troca de confidências. De fato, além de haver uma grande confiança entre as duas partes, havia um desejo recíproco de que passassem o tempo juntos (KONSTAN, 2005).

No período helenístico, figuras poderosas como um rei buscavam ser amadas por seus súditos. Em muitos casos, essas pessoas atraíam falsos amigos: os lisonjeadores. Em 100 d.C., Plutarco retomará, em seu tratado *Como discriminar um lisonjeador de um amigo*, a distinção entre amigos e lisonjeadores, tema discutido por Cícero em *De amicitia*. Para o retórico Temístio, enquanto estes, que não possuem um caráter estável, se impressionam com o proveito, aqueles, racionais e verdadeiros, maravilham-se com o amigo (KONSTAN, 2005). Outro ponto que distingue estes tipos de indivíduo é o fato de que um *philos* não acompanha o amigo quando este age de forma errada. Assim, o mesmo critica quando há uma falha, elogia quando há um acerto. Já o bajulador sempre elogia, nunca repreende. Portanto, Plutarco estabelece a seguinte tríade: amizade, lisonja e franqueza. A sinceridade estabelecerá qual o tipo de relação existente.

5.2 Amizade e filosofia

A amizade era tema de investigação de filósofos gregos e romanos. Como o estudo de filosofia fazia parte da formação da elite romana e de Horácio, conforme foi observado anteriormente, encontram-se, nas produções de poetas e prosadores latinos, conceitos de amizade baseados em preceitos filosóficos.

No período clássico da literatura grega, a ética aristotélica visava a verificar, a partir da ação humana, se a felicidade estava sendo buscada de uma forma racional e virtuosa. Nos livros VIII e IX da *Ética a Nicômaco*, Aristóteles demonstra um grande interesse pela natureza da *philia*. Segundo o filósofo (*Ética a Nicômaco*, VIII. 3, 1156a), a partir das coisas que merecem ser amadas, há três espécies de amizade. A primeira seria motivada a partir do interesse, pois uma das partes, ou ambas, veem algum tipo de utilidade nesta relação. A segunda teria como base o prazer, visto que tal união proporcionaria a ambos momentos agradáveis. Por fim, a terceira seria fundamentada pela virtude ou caráter dos indivíduos. No entanto, a afeição não seria pela virtude em si, mas pela pessoa virtuosa.

Destas três, apenas a última seria a verdadeira amizade. Segundo o filósofo, as pessoas são úteis ou agradáveis somente incidentalmente, assim, afinidades buscando a utilidade ou prazer desfazem-se facilmente. No entanto, a verdadeira durará enquanto as pessoas unidas forem boas, e a bondade é uma qualidade muito duradoura. Estas pessoas semelhantes na virtude, quando amigas, desejam o bem um ao outro de maneira idêntica (VIII. 3, 1156b).

No período helenístico, há o surgimento de novas correntes filosóficas, tais como o epicurismo e o estoicismo. Uma característica destas novas escolas, que influenciaram bastante o povo romano, é o papel da filosofia como uma “filosofia de vida”. Mais do que ensinar conceitos, os filósofos deste período doutrinavam a partir de seus comportamentos e hábitos. Portanto, “a filosofia vinha pelo exemplo” (GHIRALDELLI JÚNIOR, 2008, p. 137).

Os filósofos destas escolas demonstraram um grande interesse a respeito de como viver a vida de uma forma apropriada e com qualidade. E estas correntes, contudo, divergiam em relação ao que seria, de fato, viver bem e às condutas necessárias para que um homem alcançasse a felicidade. Assim, viam a amizade de formas distintas.

Como Epicuro rejeitava a tese determinista dos estoicos, a vontade humana e a liberdade individual eram valorizadas. Na *Carta a Meneceu* (EPICURO, 2002, p. 37)¹⁵, o filósofo afirma: “o prazer é o início e o fim de uma vida feliz”, pois a existência de prazer implica a ausência de sofrimentos e perturbações. Entretanto, o homem não deve se entregar aos prazeres de maneira indiscriminada, mas de forma moderada, visando à qualidade, não à quantidade.

Como a amizade é uma fonte de prazer, este vínculo é um meio de garantir tranquilidade ao homem. Portanto, para os epicuristas, havia uma utilidade em possuir amigos. Entretanto, o que traz paz à mente de um indivíduo não é o benefício em si, mas a confiança na utilidade, ou seja, saber que há em quem confiar, caso necessite. Assim como o homem sábio não deveria se entregar aos prazeres de forma indiscriminada, um amigo verdadeiro não deveria buscar utilidades excessivamente.

Com isso, é evidente que tal vínculo possui um valor pragmático: a segurança dos indivíduos. Acerca disso, Lucrécio menciona que os humanos, em sua origem, eram mais resistentes que em sua época. No entanto, com a evolução, a humanidade tornou-se

¹⁵ A referência a *Carta a Meneceu* será feita de acordo com a tradução adotada para o presente trabalho.

mais frágil e suave, “Então, os vizinhos também começaram a fazer amizades [amicities], ansiosos para não prejudicarem uns aos outros e não serem prejudicados” (KONSTAN, 2005, p. 158).

Epicuro menciona que a *philia* “teria surgido historicamente a partir da necessidade de benefícios mútuos, apenas depois de os seres humanos se desenvolverem até o ponto da sociabilidade” (KONSTAN, 2005, p. 158).

Para os estoicos, o universo é regido por um *logos*, com isso, de maneira geral, a vida seguiria um curso já traçado previamente. Desta forma, para alcançar a felicidade, seria necessário que o sábio vivesse de uma forma harmoniosa entre o plano natural e o plano racional, do *logos*. Enquanto Epicuro defendia que a busca do prazer seria uma fonte de felicidade, Zenão via este como uma distração, capaz de afastar o indivíduo da racionalidade.

Como a amizade é uma fonte de prazer, esta é um bem que o indivíduo não deve desejar para que se torne feliz, já que o nascimento deste vínculo não depende de suas ações individuais, mas de um plano já traçado (GHIRALDELLI JÚNIOR, 2008). Portanto, a não concretização deste desejo só traria sofrimento ao homem. A tranquilidade e a felicidade, segundo o filósofo romano Sêneca, decorrem da sabedoria, sobretudo daquela proveniente dos estudos filosóficos (*De Breuitate Vitae*, 15.2)

A amizade verdadeira somente é possível existir entre duas pessoas sábias. A relação destes não é marcada por um sentimentalismo recíproco, mas pela identificação da virtude moral que ambos possuem. Assim, essas relações tornam-se impessoais, e um amigo falecido pode, portanto, ser facilmente substituído por outro (KONSTAN, 2005).

5.3 Os romanos e a amizade

Enquanto os gregos possuíam o vocábulo *philia* para expressar uma relação afetiva em geral, os romanos tinham a palavra *amicitia*, que, em seu primeiro sentido, significa a amizade propriamente dita, ou seja, uma relação entre amigos especificamente. Já o substantivo *amicus* é derivado do verbo *amare*.

Com isto, este termo pode estar relacionado a um vínculo baseado na virtude e na boa vontade, a *philia* verdadeira, proposta por Aristóteles. Entretanto, em outros contextos, tal vocábulo pode assumir distintos significados, como simpatia ou até

mesmo aliança. Desta forma, o emprego do termo *amicitia* pode estar relacionado a normas de etiqueta ou a associações entre partidários, por exemplo.

Há quem defenda, sobretudo se forem levadas em conta produções cinematográficas, que amizade para os romanos se restrinja a laços baseados no interesse recíproco ou a associações políticas. Havia, de fato, uma barreira tênue entre amizade e política. No entanto, a primeira, localizada na esfera privada, era marcada pela intimidade entre os indivíduos. Já a segunda, relacionada à vida pública, visava à utilidade e à reciprocidade de benefícios. Cícero, em carta a Ático, com quem efetivamente nutria uma amizade, afirmou se sentir sozinho entre seus muitos “amigos” políticos: não havia intimidade neste meio para confidências ou piadas (KONSTAN, 2005).

Além da familiaridade, deve haver outras virtudes entre os amigos. Segundo o prosador, em *De Officiis* (I.17.54), a partir da constância e da reflexão, a benevolência firma a união de parentes, além de amigos, é evidente. Tal qualidade, na mesma obra (II.8.31), é apontada como um bem que auxilia um indivíduo a adquirir amigos. A *benevolentia* é proveniente não somente dos benefícios, mas da intenção benéfica. Após o auxílio, deve-se observar o comportamento do indivíduo. Este, mesmo que não possa retribuir o favor, deve demonstrar gratidão para com a outra parte.

Assim como na política, havia igualmente uma barreira tênue entre amizade e patronagem, a relação entre um inferior e superior, em que este oferece proteção e benefícios em troca de serviços e lealdade. Horácio, na *Epístola I, 18*, afirma que o vínculo com os superiores é perigoso. É necessário que o inferior se dedique à filosofia para que se livre das ambições e esteja pronto para nutrir a amizade. Conforme se mencionou anteriormente, o eufemismo para patronagem era amizade. Contudo, como se observou que esta relação possui um caráter inclusivo, nada impede que as duas coexistam. No entanto, diferenças ainda existirão em virtude das diferenças sociais entre as partes.

Uma espécie de patronagem muito comum era a existente entre patronos e poetas. Um exemplo deste tipo de relação é a ligação entre Horácio e Mecenas. No entanto, além deste vínculo, houve entre eles uma notável amizade, que é descrita em seus poemas, nos quais é possível observar o afeto e a intimidade existente entre os dois.

Em todos os períodos da literatura latina, nos diversos gêneros, a amizade foi um tema explorado largamente por poetas e prosadores. No período arcaico, nas comédias, há muitos exemplos de amizade. Nas obras de Plauto, em que o amor dos rapazes é de grande importância para o enredo, há exemplos de amigos jovens, que trocam confidências e se auxiliam em suas aventuras amorosas, como Estratípocles e Queribulo, da comédia *Epídico*. Há também casos de amigos velhos, que trocam assistência e conselhos sobre como corrigir seus filhos, como Apécides e Perífanos, que diz o seguinte sobre o amigo, no verso 425 da mesma peça: “Nihil homini amicitia opportuno amicitus”¹⁶

Na primeira metade do período clássico, na idade de Cícero, tanto na poesia, quanto na prosa, há diversas referências a amizades. Em Catulo, há poemas dedicados a amigos, como o *I*, a Cornélio, a quem o poeta foi grato pelos elogios aos seus poemas. No *IX*, ele se mostra alegre com a volta de Verânio para casa. Na prosa, Cícero foi quem se dedicou largamente ao tema da amizade em *De Amicitia*, obra a ser comentada posteriormente. Já em César, em *De Bello Gallico*, observa-se que os termos *amicus* e *amicitia*, em geral, estão relacionados a alianças entre povos ou legiões. No entanto, há grandes exemplos de companheirismo entre os militares.

Na segunda metade do período clássico, na idade de Augusto, na *Eneida* de Virgílio, há grande destaque para a relação de companheirismo existente entre Eneias e os demais guerreiros troianos. No Canto IX, há uma cena trágica de amizade, em que dois amigos, Euríalo e Niso, morrem juntos, um caindo sobre o corpo do outro, quando combatiam, sem auxílio de outros homens, contra os rútuos. Segundo o narrador, no verso 182, além de lutarem sempre juntos, nutriam uma afeição mútua: “his amor unus erat”.¹⁷

Horácio, conforme foi mencionado anteriormente, fez referência a muitos amigos em seus poemas, seja em viagens, seja em banquetes. Anos mais tarde, ainda na época de Augusto, a amizade é um tema bastante abordado por Ovídio, sobretudo nos *Tristia*. Nestas elegias, em que autobiografia e ficção se misturam, o poeta, que se encontrava exilado, dirige-se aos amigos, lamentando o abandono da parte destes, em momento tão difícil. Mesmo sabendo da dificuldade que seria para eles manter uma amizade com o poeta, o mesmo busca uma nova aproximação, pois a amizade era um

¹⁶ Nada é mais estimável ao homem que um amigo prestativo.

¹⁷ Eles tinham um só amor.

refúgio, e, sobre o amigo, ele afirma no segundo verso da elegia sexta do livro quinto: “mihi portus eras”.¹⁸

Seria possível acrescentar dezenas de obras relevantes para o tema proposto. No entanto, este pequeno catálogo apenas evidencia como era comum aos poetas ou prosadores de todas as épocas e estilos versarem acerca da amizade. Contudo, Cícero foi quem se dedicou exclusivamente ao tema em seu tratado filosófico.

5.4 De Amicitia

Neste belo discurso acerca da amizade, Cícero dá voz a Lélcio, que, abatido por causa da morte de seu amigo Cipião, discorre, sobretudo, sobre o tema que dá nome a obra. É evidente que o autor se baseia em conceitos filosóficos, sobretudo aqueles formados por Aristóteles. Além disso, faz referência a escolas helenísticas, como Epicurismo e Estoicismo.

O orador, ao afirmar que só há amizade entre os bons (*De Amicitia*, 5, 18), retoma o tipo de *philia* que, segundo Aristóteles, é baseada na virtude. Além disso, faz referência ao estoicismo, corrente filosófica que afirmava somente ser possível existir amizade entre os sábios. Entretanto, Cícero critica a escola de Zenão, afirmando que a sabedoria pregada por este era inalcançável para a grande maioria das pessoas. Segundo o orador (5.19), este homem bom é caracterizado por ser fiel, íntegro, possuidor de equidade e de constância.

Os verdadeiros amigos são aqueles com quem se dividem os momentos felizes e infelizes. Somente o vínculo verdadeiro, diferentemente da ligação vulgar baseada na utilidade e no prazer, é capaz de tornar os momentos bons mais felizes e amenizar as dificuldades (6.22). É evidente, portanto, que Cícero utiliza a tipologia de *philia* descrita por Aristóteles.

Ao questionar o porquê de se buscar a amizade, o escritor retoma a tese epicurista de que indivíduos podem se associar na esperança da troca de serviços em busca de felicidade (8.26). No entanto, como foi observado anteriormente, não é o benefício em si que traz paz de espírito ao indivíduo, mas a confiança na utilidade.

Em seguida, o autor baseia-se na tese aristotélica para afirmar que os proveitos não são a base de um vínculo profundo, mas são produtos deste. Os alicerces desta

¹⁸ Tu eras um porto para mim.

amizade encontram-se na natureza dos amigos. Com isso, no momento em que um indivíduo identifica outra pessoa virtuosa, de mesmo caráter, o amor nasce. Um amigo verdadeiro, nestes termos, seria um outro “eu”, um igual (21.80). Mas, para fundir estas duas almas, transformando-as em uma única, é necessária uma prestação de serviço recíproca para que se enrijeçam os laços e o vínculo se confirme como verdadeiro.

O orador, assim como Aristóteles, estabelece dois tipos de amizade. As verdadeiras, baseadas na virtude, são eternas, pois o caráter de um indivíduo é algo imutável. As comuns, baseadas nos benefícios e nos prazeres, são findáveis, pois duram enquanto estes bens existem.

Cícero, em seu tratado, versa acerca das amizades desiguais, citando o círculo de amigos de Cipião. Segundo o autor, este nunca se julgara melhor que os demais. Com isso, afirma que, nesse tipo de relação, o superior deve se pôr no nível dos inferiores e estes não devem invejá-lo por sua superioridade (20.71).

Em seu tratado, há algumas advertências a respeito do nascimento e da prática da amizade. Antes de procurar um amigo, o indivíduo deve buscar se transformar em um homem de bem (22.82), pois, como foi observado, a amizade profunda só existe entre as pessoas boas. Segundo Cícero, portanto, este vínculo não deve nascer depressa (21.78), pois é necessário distinguir com aplicação um verdadeiro amigo, espécie rara, de um adulator, indivíduo inconstante, capaz de tudo para agradar a quem interessa. Entretanto, geralmente, as pessoas que dão ouvidos a este tipo de gente são aqueles que a si próprio se bajulam. O único instrumento capaz distinguir o verdadeiro do falso amigo é a verdade (26.97). A tríade franqueza, amizade e lisonja, conforme foi visto, será retomada por Plutarco.

Depois de concretizada, uma amizade não deve ser baseada no cálculo (8.27), esperando dar e receber o mesmo. Um verdadeiro amigo deve fazer pelo outro com boa vontade, sem esperar algo em troca. Igualmente, não se deve agir ou amá-lo de maneira simétrica a como age ou ama a si. Nas situações em que os amigos precisam se separar, as duas partes precisam suportar a ausência do outro. Aqueles que não o fazem demonstram não possuir firmeza nem justiça na amizade (20.75).

Após a breve leitura deste tratado, nota-se que Cícero, influenciado por seus estudos filosóficos, parte dos mesmos para discutir o tema proposto, levando em consideração o cotidiano da sociedade romana. É por esse motivo que tal obra é fundamental para o desenvolvimento do presente trabalho.

6. EPODO 1

Como já foi assinalado, o *Epodo 1* escapa a qualquer tipo de classificação, podendo ser equiparado às *Odes*, nas quais se encontram as mais vivas demonstrações de amizade para com o incentivador das artes.

No referido epodo, o venusino, ciente de que Mecenas iria acompanhar Otaviano na batalha de Ácio, deseja enfrentar o perigo ao lado de seu amigo. Embora o poeta fosse um homem despreparado para a guerra, seria muito difícil para o mesmo ficar longe de seu patrono em um momento tão crítico. Assim, assegura enfrentar grandes perigos em virtude da amizade que nutre um pelo outro, não por interesses ou benefícios.

Segundo comentadores, o poema foi escrito na primavera de 31 a.C., poucos meses antes da batalha de Ácio, que ocorrera no princípio do mês de Setembro. Villeneuve (HORACE, 1954, p.199, n.1) afirma:

Au printemps de l'année suivante, Octave, avant de partir pour l'Épire et d'y établir son quartier general, convoqua à Brindes tous les sénateurs et chevaliers valides pour avoir le concours actif des uns, paralyser les intrigues des autres, et, par-dessus tout, donner à l'opinion le sentiment que l'élite des Romains prenait parti pour lui.¹⁹

No entanto, diversos especialistas acreditam que os dois amigos não participaram do famoso combate naval. Os que contrariam tal tese, baseiam-se no que Horácio menciona no verso 35 do *Epodo 9*, que será comentado a seguir. Tanto o epodo referido quanto a *Ode I, 37* dialogam com o texto que é objeto desta pesquisa, pois registram os triunfos de Otaviano sobre Marco Antônio e Cleópatra.

A despeito de fazer referência ao grande acontecimento histórico, que certamente era uma preocupação e um assunto de interesse de todos os romanos daquele período, nota-se que a batalha, para onde Mecenas se dirigia, é apenas um pretexto utilizado pelo poeta para tornar patente o quanto sua amizade com o incentivador das artes é importante para a sua vida. Contudo, como é ressaltado ao longo do trabalho, não se deve esquecer que, além de amigos, eles estavam unidos por um vínculo de patronagem.

¹⁹ Na primavera do ano seguinte, Otávio, antes de partir para o Epiro e de lá estabelecer seu quartel general, convocou a Brindes todos os senadores e cavaleiros habilitados para ter ajuda ativa de alguns, conter as intrigas de outros, e, principalmente, dar à opinião pública a sensação de que a elite romana o apoiava.

No tocante à linguagem utilizada por Horácio em relação a seu patrono, Konstan (2005, p. 192) menciona: “As relações entre superiores e inferiores em Roma eram governadas por uma etiqueta que é normalmente descrita na linguagem da patronagem”. De fato, a partir da leitura do *Epodo 1*, infere-se que há um abrandamento das diferenças das condições sociais existentes entre o poeta e Mecenas.

Sendo um poeta do meio-termo (*aurea mediocritas*), o próprio não se mostra demasiadamente subordinado ao incentivador das artes. Entretanto, não esconde de seus leitores os benefícios recebidos de Mecenas. Da mesma forma, apesar de se apresentar como amigo íntimo do outro, seus elogios são moderados, não chegando, assim, à adulação. Pode-se concluir, então, que Horácio, filho de pai liberto, tendo sido educado junto à elite romana, possuía um tato para se relacionar com os indivíduos da alta sociedade.

6.1 Original latino

Epodo 1

Ibis Liburnis inter alta nauium,
 amice, propugnacula,
paratus omne Caesaris periculum
 subire, Maecenas, tuo.
Quid nos, quibus te uita si superstite 5
 iucunda, si contra, grauis?
Vtrumne iussi persequemur otium
 non dulce, ni tecum simul,
an hunc laborem mente laturi, decet
 qua ferre non mollis uiros? 10
Feremus, et te uel per Alpium iuga,
 inhospitalem et Caucasum,
uel Occidentis usque ad ultimum sinum
 forti sequemur pectore.
Roges, tuum labore quid iuuem meo 15
 inbellis ac firmus parum?
Comes minore sum futurus in metu,
 qui maior absentis habet,
ut assidens inplumibus pullis auis
 serpentium adlapsus timet 20
magis relictis, non, ut adsit, auxili
 latura plus praesentibus.
Libenter hoc et omne militabitur
 bellum in tuae spem gratiae,
non ut iuuenis illigata pluribus 25
 aratra nitantur meis²⁰
pecusue Calabris ante sidus feruidum
 Lucana mutet pascuis,

²⁰ *Mea*, variante registrada por Villeneuve, foi adotada no lugar de *meis*.

neque ut superni uilla candens Tusculi

Circaea tangat moenia. 30

Satis superque me benignitas tua

ditauit; haud parauero

quod aut auarus ut Chremes terra premam,

discinctus aut perdam nepos.

6.2 Tradução

Amigo, tu irás em liburnas entre os navios com altas torres, disposto, ó Mecenas, a suportar todo o perigo de César com o teu.

O que será de mim, a quem a vida será agradável se tu estiveres salvo, e será penosa se do contrário?

Acaso eu, ordenado por ti, seguirei um ócio não agradável, a não ser juntamente contigo? Ou suportarei este labor com a coragem com a qual os homens não fracos devem suportar?

Eu te seguirei ou não só pelas cadeias dos Alpes, mas também pelo inóspito Cáucaso, ou até a baía mais afastada do ocidente, eu te seguirei com o coração inabalável.

Tu podes me perguntar em que eu, impróprio para a guerra e pouco firme, com meu esforço seria útil ao teu.

Eu, sendo teu companheiro de viagem, estarei destinado a um receio menor, receio este que maior toma posse dos ausentes, assim como a ave que cuida dos seus filhotes sem penas teme mais os ataques das serpentes aos filhotes abandonados; ainda que o pássaro esteja presente, não levará mais auxílio aos que assiste.

De boa vontade, eu farei esta e toda guerra na esperança de teu reconhecimento, não para que meus arados façam esforços ligados a mais novilhos, ou para que meu rebanho troque as pastagens da Calábria pelas da Lucânia antes da estação quente, nem para que minha vila resplandecente toque as muralhas da elevada Túsculo, originária de Circe.

Tua benevolência enriqueceu-me extraordinariamente.

Não acumularei riqueza para que eu, ou como um Cremes avarento, cave-a na terra, ou como um herdeiro negligente, perca-a.

resolve segui-la. Como esta fuga não foi percebida por seus combatentes, a guerra continuou. Somente após seis dias, a frota de Antônio teve conhecimento do acontecido. Sem um líder, alguns se renderam, outros se dispersaram. Essa vitória, portanto, é fundamental para a história de Roma, visto que marca o fim de qualquer oposição ao poderio do futuro Augusto.

No presente poema, de início, já é possível notar a existência de um sentimento de amizade, visto que o poeta utiliza o vocativo *amice* para se referir ao seu amigo Mecenas. Assim como *philos*, o vocábulo latino pode ser empregado como adjetivo ou como substantivo. No primeiro uso, pode significar “que ama”, “favorável” e “querido”. No segundo, “amigo”, “confidente”, “protetor” e “aliado”. Na tradução proposta, optou-se por essa opção.

Conforme foi observado anteriormente, o vocábulo deriva do verbo *amo* e dá origem ao substantivo abstrato *amicitia*. Comparado este à *philia*, há uma diferença de significado, visto que a palavra latina se refere a afeições e vínculos existentes entre amigos. Desta forma, a relação existente entre o poeta e seu patrono está mais próxima daquela estabelecida pelo vocábulo latino, já que há uma afeição específica *inter amicos*.

Ainda no segundo verso, há uma referência às embarcações de Marco Antônio como *propugnacula*. Tal vocábulo é derivado do verbo *propugno*, que significa “combater em sua própria defesa”. Esses navios possuíam fortificações para a proteção de soldados e pontaria de armas. Logo, são estruturas que servem à defesa e ao ataque. Já se nota, portanto, nos dois primeiros versos, elementos de dois campos semânticos muito presentes nesse e em outros passos do epodo: amizade ou amor e guerra ou combate.

Mecenas, por conseguinte, estará em grandes perigos, pois permanecerá em alto mar, lugar onde Horácio, em diversas composições, disse ser perigoso, pois o navegante estaria indefeso nas mãos da fortuna. A partir da aproximação das imagens das embarcações de Antônio e de Otaviano, evidenciam-se os contrastes existentes entre as mesmas. Assim, torna-se evidente que seu patrono se encontra em uma situação ainda mais ameaçadora, pois, a bordo das pequenas liburnas, está rodeado das *alta propugnacula nauium* dos inimigos.

Na medida em que a situação de perigo é amplificada a partir das imagens contrastantes, a demonstração de seu desejo em acompanhar o amigo, como será visto

posteriormente, converte-se em um ato de extrema coragem, visto que ir para a batalha de Ácio seria, provavelmente, o maior sacrifício que o poeta poderia fazer, já que demonstrava grande aversão às navegações e às guerras, as quais já tinha abandonado, largando as armas, conforme o mesmo narrou, quando o exército de Bruto foi derrotado. Sobre tal fuga em Filipos, na *Ode II, 7*, Horácio diz:

Pompei, meorum prime sodalium,	5
[...]	
Tecum Philippos et celerem fugam	
sensi relictā non bene parmula,	10

Ó Pompeu, o primeiro dos meus companheiros, [...] Contigo conheci Filipos e a célebre fuga, abandonado meu pequeno escudo não corretamente,

Nos versos três e quatro do *Epodo 1*, é revelado ao leitor o nome de seu interlocutor: Mecenas, que é chamado de *amicus* por Horácio. Estes dois indivíduos, como foi observado anteriormente, mantinham um vínculo de patronagem, a partir do qual o mais rico financiava e protegia o poeta, que, em troca, prestava-lhe serviços e o homenageava em seus poemas. Assim, o epodo analisado é um claro exemplo de demonstração pública de admiração a seu patrono.

Sêneca (*De breuitate uitae*, 7.7) chama a atenção para casos em que os mais poderosos procuram indivíduos para serem seus protegidos com o objetivo de apenas fazer número. Com isso, conforme mencionado, adquirem prestígio perante a sociedade. Portanto, o filósofo diz:

Quot ille potentior amicus, qui uos non in amicitiam sed in apparatu habet?

Quantos [dias te levou] aquele amigo mais poderoso, que te tem não para amizade, mas te tem em petrechos?

Tal louvor, no entanto, pode ser interpretado de duas formas distintas, de acordo com os significados possíveis do vocábulo *amicus* do segundo verso. Interpretado como amigo, o poema seria uma manifestação sincera da amizade do poeta para com Mecenas. Entendendo como cliente, *amicus* sendo um eufemismo, o epodo seria uma demonstração de veneração e subordinação ao patrono. Contudo, em virtude do caráter inclusivo da amizade, além de haver um vínculo subordinativo, havia um afetivo, logo, a composição teria as duas finalidades. Cabe mencionar que, para o venusino ou para outro romano de origem humilde, não seria vergonha alguma revelar ser um cliente de Mecenas, homem de grande prestígio na sociedade romana. A respeito disso, Konstan (2005, p. 194) afirma: “a amizade, enquanto vínculo de afeição generosa, de lealdade e

de intimidade, pode coexistir com o reconhecimento desde que as diferenças devem ser consideradas.”

Horácio menciona um *periculum*, que seria, de fato, a batalha naval referida. Seu patrono, um companheiro inseparável de Otaviano, iria enfrentar o grande desafio ao lado do amigo. Enfrentar tal perigo, que era tarefa do futuro imperador, passa a ser um dever ao incentivador das artes, que se mostra disposto a avançar para a guerra. Cabe mencionar que, para fins coesivos, o vocábulo *periculum* não é repetido. É evidente que o pronome possessivo *tuo* faz referência ao mesmo.

Poderá ser observado, ao longo da análise, que, da mesma forma em que Mecenas se apropria do *periculum* de César, o poeta também assumirá estes riscos por seu amigo e financiador. Portanto, nota-se que tais vínculos, além de envolverem subordinação e afeição, estão rodeados de um pragmatismo relacionado à segurança desses indivíduos: o subordinado beneficia seu superior seguindo uma cadeia. Assim, a partir de tais amizades, a carga de perigo é dividida entre ambos. Nestes moldes, o conceito de amizade aproxima-se daquele proposto por Epicuro.

Logo no início do poema, nota-se a referência a duas figuras ilustres de Roma: Otaviano, o senhor do Ocidente, e Mecenas, seu amigo pessoal e seu representante em missões políticas. Ao longo de sua poética, observa-se que, em geral, os contemporâneos citados são indivíduos de grande autoridade: “As noted earlier, more than half of those he invokes are senators and knights, who made up only a small fraction of society overall. Other categories seem underrepresented.” (HARRISON, 2007, p. 200)²¹

No *Epodo 9*, tal triunfo é comemorado pelo poeta, que se encontrava alegre. Além de representar um intertexto em relação ao *Epodo 1*, é igualmente um exemplo de propaganda política a favor do ideal augustano. Nos primeiros versos desse poema, Horácio pergunta ao amigo:

Quando repositum Caecubum ad festas dapes
uictore laetus Caesare
tecum sub alta (sic Ioui gratum) domo,
beate Maecenas, bibam [...] ? (vv. 1-4)

Quando eu, contente com o vitorioso César, beberei contigo, ó bem-aventurado Mecenas, o céculo vinho reservado a banquetes festivos (assim agradável a Júpiter), junto de tua morada?

²¹ Conforme observado anteriormente, mais da metade daqueles citados são senadores e cavaleiros, que compunham apenas uma pequena fração do total da sociedade. Outras categorias parecem ser menosprezadas.

Elementos textuais indicam que se tratava de acontecimentos recentes. Nos versos 7 e 8, menciona a fuga de um aliado de Marco Antônio, Sexto Pompeu, que se denominava filho de Netuno. Foi o mesmo vencido por Agripa cinco anos antes (36 a.C.) em Náuloca, cidade da Sicília. É esta vitória da frota de Otaviano que Horácio tinha celebrado antes com Mecenas. Portanto, o poeta diz:

ut nuper, actus cum freto Neptunius
dux fugit ustis nauibus, (vv. 7-8)

Dado que recentemente o general Netuno, impelido com a agitação, fugiu com navios queimados,

Tal poema está de acordo com as ideias divulgadas por Otaviano, que atribuía a culpa deste conflito a Cleópatra, a inimiga de Roma. Com isso, no verso 11, é indicada a subordinação dos soldados romanos, estando Marco Antônio incluído, nos seguintes termos:

Romanus, eheu (posteri, negabitis)
emancipatus feminae
fert uallum et arma, miles et spadonibus
seruire rugosis potest, (vv. 11-14)

Ai Romano, – vós, tempos futuros, negareis – feito escravo de uma mulher, carrega a estaca e as armas; o soldado pode servir aos eunucos enrugados,

Villeneuve (HORACE, 1954, p.215, n.2), em relação à passagem anterior, afirma: “Horace veut parler des soldats d’Antoine, devenus sujets, c’est-à-dire, dans ce royaume oriental, véritables esclaves de Cléopâtre: is servent sous ses ordres, portant avec leurs armes”²². Para Horácio, era mais vergonhoso que os soldados obedecessem aos eunucos, uma vez que estavam armados (*uallum et arma*).

No momento em que o epodo foi composto, o antigo lugar-tenente de César não havia sido morto ainda. Nota-se que foi uma derrota completa, por terra e mar. Após mencionar os chefes cartagineses vencidos no passado, como Jugurta e Hasdrúbal, e enaltecer Cipião Africano, faz uma comparação com o presente, referindo-se a Marco Antônio, aliado de uma oriental. Assim, se manifesta o poeta do verso 27 ao 32 do *Epodo 9*:

Terra marique uictus hostis punico
lugubre mutauit sagum.
Aut ille centum nobilem Cretam urbibus
uentis iturus non suis,
exercitatas aut petit Syrtis Noto
aut fertur incerto mari.

²² Horácio se refere aos soldados de Marco Antônio, subordinados a uma rainha oriental, verdadeiros escravos de Cleópatra: eles servem sob suas ordens, mas com suas armas.

O inimigo, vencido pela terra e pelo mar, trocou o saio de púrpura por um fúnebre. Ou ele está para ir para Creta, ilustre por suas cem cidades, por ventos não seus, ou se perderá pelas Sirtes, atormentadas pelo Noto ou será transportado pelo mar incerto.

Segundo Villeneuve (HORACE, 1954, p.197, n.4), “Les érudits qui pensent que Mécène était à Actium avec Horace ont cherché à prouver que tous deux ont suivi des yeux les mouvements de la bataille, à bord d’un navire et expliquent ainsi le vers 35.”²³ Contudo, há divergências em relação a esta participação.

No fim do *Epodo 9*, Horácio retoma o tom comemorativo afirmando que é prazeroso liquidar o medo de tais acontecimentos com vinho. Nada mais horaciano do que desfrutar da tranquilidade ao lado de amigos bebendo um bom vinho. Portanto, finda o poema nos seguintes termos:

Capaciores affer huc, puer, scyphos,
et Chia uina aut Lesbía
uel, quod fluentem nauseam coerceat,
metire nobis Caecubum.
Curam metumque Caesaris rerum iuuat
Dulci Lyaeo soluere. (vv. 33 – 38)

Traze aqui, jovem, os copos fundos e vinhos de Quios ou de Lesbos, ou reparte o céculo entre nós, para afastar a náusea intensa. Agrada dissipar a preocupação e o medo dos acontecimentos de César com o doce Lieu.

Voltando ao *Epodo 1*:

Quid nos, quibus te uita si superstite
iucunda, si contra, grauis? (vv. 5 – 6)

A partir da iminência da guerra, fato exposto como concreto, o poeta refletirá a respeito de um acontecimento tido como certo: seu melhor amigo acompanhar Otaviano na batalha de Ácio.

Assim, observa-se, nessa passagem, a utilização de uma pergunta retórica, ou seja, aquela que não necessita de uma resposta. Tal recurso possibilita ao leitor tomar conhecimento da angústia que começa a invadir a mente de Horácio. Tal questionamento apresenta uma série de elementos contrários, como os vocábulos *iucunda* e *grauis*, que formam uma antítese, marcando como seria sua vida de acordo

²³ Os estudiosos que acreditam que Mecenas estava em Ácio com Horácio têm procurado provar que ambos acompanharam os movimentos da batalha, a bordo de um navio e, assim, explicam o verso 35.

com duas hipóteses opostas correlativas: *si te superstite, uita iucunda; si contra, uita grauis*. Com isso, é evidente que a felicidade de Horácio está diretamente relacionada ao bem-estar de seu patrono. Logo, salvar seu amigo é uma atitude para o bem do outro e para a sua própria felicidade.

Nota-se que, na primeira oração condicional, há a existência do ablativo absoluto *te superstite*. Contudo, como não havia, no latim, um particípio presente do verbo *sum*, tal estrutura apresenta apenas o sujeito, um substantivo ou um pronome pessoal, e seu predicativo, um adjetivo ou outro substantivo, ambos no caso ablativo.

Sabe-se que tal construção latina tinha como característica a ausência de conjunção subordinativa. Assim, *si*, neste contexto, não possui a função de conectivo. De acordo com Cart et alii (1986, p. 145), “Às vezes, sobretudo na língua pós-clássica, o ablativo absoluto é precedido de uma partícula que lhe precisa o sentido: *ut* (desde que), *quanquam* (embora), *sicut* (como se), *nisi* (a menos que), etc.”

Além disso, é interessante observar que, de acordo com o Dicionário latino-português de Francisco Torrinha, o vocábulo *superstite*, embora seja derivado de *supersto*, “permanecer sobre”, apresenta um valor semântico relacionado ao verbo *super-sum*, “restar”, “sobreviver”, “ser salvo”. Essa associação talvez ocorra em virtude da proximidade semântica existente entre *sto* e *sum*.

De fato, de acordo com Cícero e Aristóteles, a amizade deveria tornar a vida mais agradável. Contudo, conforme já foi apontado, um benefício não deveria ser a base de uma amizade virtuosa, mas a consequência de tal sentimento (CÍCERO, *De Amicitia*, 14.51). Segundo Aristóteles (*Ética a Nicômaco*, VIII. 3, 1956a.), as relações baseadas no prazer duram enquanto há o deleite. Na perspectiva epicurista, a finalidade deste vínculo seria proporcionar prazer às duas partes. A existência desse benefício, de acordo com o que foi observado, traria tranquilidade e afastaria preocupações.

A utilização da primeira pessoa do plural, evidente pela utilização do pronome pessoal *nos* no caso nominativo, tem a finalidade de envolver mais o destinatário deste poema, no caso, seu amigo, em sua causa. Tal emprego é característico do gênero lírico.

É um lugar comum, desde a poesia clássica até os dias de hoje, a demonstração de saudade ou sofrimento de um indivíduo quando um amigo viaja ou se distancia por outros motivos, como ocorreu com Ovídio, que, exilado e distante de seus entes queridos, lamenta a solidão. Segundo Cícero (*De Amicitia*, 20.75), quando dois amigos são obrigados a se separar, ambos devem suportar a saudade. Se não conseguirem

tolerar essa situação, não existirão firmeza nem justiça na amizade. Contudo, não é somente a separação o que aflige Horácio, mas a ciência de que Mecenas passará por uma situação extremamente perigosa que poderia lhe custar a própria vida.

Após o momento de reflexão, o poeta mostrará sua lealdade a Mecenas, chegando até, em alguns momentos, próximo à subordinação. Porém, segundo o venusino, tudo será feito em nome da amizade somente.

Anos mais tarde, ao compor a *Ode II, 17*, o tema da morte mais uma vez é associado ao amigo Mecenas. Sendo o poeta adepto da filosofia epicurista, o óbito em si não lhe causaria aflição, visto que isto, para Epicuro, não deve significar nada para o homem, pois não traz sofrimento àqueles que deixam de existir: “quando estamos vivos, é a morte que não está presente; ao contrário, quando a morte está presente, nós é que não estamos” (EPICURO, 2002, p. 29). Além disso, morrer é um processo natural da vida, logo não pode ser evitado nem temido.

Contudo, para os que vivem, a privação da existência de um amigo pode trazer bastante sofrimento. Para Horácio, perder Mecenas seria perder um patrono, e, com isso, diversos benefícios. Ademais, deixaria de ter um amigo, fonte de virtude e um apoio em momentos difíceis. Mais do que isso, o falecimento do incentivador das artes mataria parte do próprio poeta, pois, como é dito no verso cinco da referida ode, Mecenas era parte de sua alma.²⁴ Com isso, do verso 2 ao 4, há a seguinte passagem:

nec dis amicum est nec mihi te prius
obire, Maecenas, mearum
grande decus columenque rerum. (vv. 2-4)

Nem é agradável aos deuses, nem a mim que tu morras primeiro, ó Mecenas,
grande virtude e apoio de minhas prosperidades.

Retornando ao *Epodo 1*:

Vtrumne iussi persequemur otium
non dulce, ni tecum simul,
an hunc laborem mente laturo, decet
qua ferre non mollis uiros? (vv. 7 – 10)

²⁴ A! te meae si partem animae ... (v.5)

Nesta passagem, há uma interrogação disjuntiva introduzida pelo advérbio interrogativo *utrum*. É interessante notar que o vocábulo, derivado do pronome interrogativo *uter*, mantém seu valor dual.

Tais perguntas retóricas possuem o mesmo valor discursivo daquela empregada nos versos cinco e seis, porém a ligação entre o poeta e seu incentivador já é apresentada de uma forma um pouco distinta do que fora referido anteriormente. É possível afirmar que, a partir da utilização do vocábulo *iussi*, além da relação de lealdade antes observada, há certa subordinação por parte de Horácio. A escolha do verbo *persequor* reforça esta ideia, visto que seu significado não é somente seguir, porém, seguir sem parar.

O poeta, dessa forma, é um seguidor de Mecenas, seja por motivos financeiros, seja pela própria amizade. Além disso, por meio da lítotes *non dulce*, pergunta se ele próprio se entregaria a ócios desagradáveis. Efetivamente, tal construção corrobora a interpretação de que, no referido trecho, há traços de subordinação, visto que esta figura de linguagem marca um eufemismo. Portanto, conclui-se que Horácio não diria que uma ordem de seu patrono causaria ao próprio efeitos desagradáveis. Fazê-lo poderia soar como uma insatisfação.

Porém, em seguida, acrescenta que tal momento só se tornaria deleitável quando fosse possível desfrutar da companhia de seu patrono. Com isso, o adjetivo *dulce* explicita a qualidade desses encontros, em que o escritor é um companheiro estável do seu *otium*, tanto na cidade, acompanhando-o a passear, nos jantares, nas diversões, quanto nas viagens. A respeito da intimidade entre os dois, Konstan (2005, p. 203) afirma: “Horácio estava seguro o suficiente em sua intimidade com Mecenas para publicar cartas que são ostensivamente pessoais, ou conversas informais entre eles”.

Embora Horácio não fosse rico, teve a oportunidade de conviver com jovens das classes mais elevadas graças aos esforços de seu pai. Além disso, quando militou ao lado de Bruto, recebeu o grau de *tribunus militum*, “tribuno militar”, reservado aos membros da ordem equestre.

Ao voltar a Roma, encontrou-se em situação desfavorável: foi obrigado a dedicar-se à atividade de copista. Contudo, seria desonroso para ele, assim como para muitos romanos que não faziam parte do povilú, permanecer em um emprego modesto. Com isso, homens livres como ele, profissionais liberais e até mesmo indivíduos miseráveis, julgavam mais digno serem patrocinados por patronos. Mecenas foi quem

possibilitou ao venusino se dedicar ao *otium* e abandonar o *negotium*. Livre de suas obrigações trabalhistas, pôde consagrar-se como um grande poeta.

Uma amizade não é marcada simplesmente pela presença do amigo em momentos felizes. Com isso, tanto no *otium* quanto no *laborem*, ele se mostra presente na vida do grande companheiro. A partir desta antítese, marca-se fortemente a relação de afeto existente entre os dois. Portanto, se Mecenas partia para a guerra por causa da lealdade que tinha para com Otaviano, o poeta faria a mesma coisa em nome de seu amigo: também assumiria o *periculum* para si, neste caso retratado por *hunc laborem*, que seria esta árdua tarefa de encarar a guerra, como será visto. O verbo *ferre* reforça a ideia de que seguir seu patrono seria um grande sacrifício, logo, uma grande prova de lealdade.

Contudo, há exemplos, na literatura latina, de relações de amizade que não se sustentaram em períodos de crise. Como foi mencionado, Ovídio, ao ser exilado de Roma, viu-se sem amigos. Diante disso, o poeta escreve tais versos em *Tristia I, 9*:

donec eris sospes, multos numerabis amicos:
tempora si fuerint nubila, solus eris. (vv. 5-6)

Enquanto fores próspero, possuirás muitos amigos;
Se os tempos forem nebulosos, estarás sozinho.

De acordo com Cícero (*De Amicitia*, 6.22), quando é feita a referência aos tipos de amizade propostos por Aristóteles, somente a amizade baseada na virtude possui a característica de amplificar as alegrias em momentos felizes e de dividir as tristezas em momentos difíceis. Com isso, fica evidente que o vínculo existente entre o poeta e seu patrono é um exemplo de amizade verdadeira, baseada no caráter dos indivíduos, visto que, ao compartilharem momentos de *otium*, têm momentos agradáveis e doces, em tempos de guerra, enfrentam-na juntos.

No verso nove do epodo, por meio do vocábulo *mente*, o poeta indica a forma como se deve encarar tal risco: com o espírito, ou seja, com coragem. No entanto, agir desse modo não é característica de todos os homens. Então, por meio da figura lítotes *uiros non mollis*, o poeta afirma algo pelo seu contrário. Assim, deixa claro que a coragem é algo presente somente nos homens fortes de espírito.

Ao alegar que aceitar tal tarefa com coragem é uma atitude de homens fortes, o poeta cria um enunciado pressuposto: de que o próprio se proclama forte. Contudo,

imagina-se que ele faça referência a uma força moral, não física, afinal ele é um poeta, não um homem dedicado às armas, conforme o mesmo menciona adiante.

Cabe mencionar que, segundo Cícero, em *De Amicitia* (12. 40), a lealdade nunca justificaria levantar armas contra a república. No entanto, inicialmente, ir à batalha ao lado de Otaviano poderia parecer contraditório, visto que este combateu contra os antigos defensores da república. Contudo, conforme foi observado anteriormente, o futuro *princeps*, neste momento, representava Roma contra o Egito de Cleópatra. Entretanto, sabe-se que é nas mãos do herdeiro de César que a república dá lugar ao império.

Ainda sobre a passagem analisada, viu-se que Horácio menciona um *otium non dulce*. Já o *otium dulce* só surgiu em sua vida quando ele começou a frequentar a casa de Mecenas. Na *Sátira I, 6*, o poeta narra o momento em que, por meio de seus amigos Virgílio e Vário, foi apresentado ao incentivador das artes. Diante de um homem tão ilustre, o venusino sentiu-se intimidado, conseguindo pronunciar apenas poucas palavras. De fato, havia uma grande distância entre ambos no que diz respeito à condição social.

Embora o poeta fosse um homem sem riquezas, proveniente de família simples, possuía uma fortuna que poucos homens têm: seu caráter, em muito, oriundo da boa criação que teve de seu pai. Houve, de fato, uma identificação entre Horácio e seu futuro patrono no que diz respeito a suas virtudes. Tendo em vista que as verdadeiras amizades não nascem depressa, foi convidado a integrar o grupo de Mecenas nove meses depois somente. Tal fato é narrado do verso 54 ao 64 da sátira citada:

nulla etenim mihi te fors obtulit: optimus olim
Vergilius, post hunc Varius dixere, quid essem. 55
ut ueni coram, singultim pauca locutus—
infans namque pudor prohibebat plura profari—
non ego me claro natum patre, non ego circum
me Satureiano uectari rura caballo,
sed quod eram narro. respondes, ut tuus est mos, 60
pauca; abeo, et reuocas nono post mense iubesque
esse in amicorum numero. magnum hoc ego duco,
quod placui tibi, qui turpi secernis honestum
non patre praeclaro, sed uita et pectore puro.

Com efeito, nenhuma sorte te apresentou a mim: um dia, o esplêndido Virgílio, após este, Vário, disseram quem eu era. Quando eu vim pessoalmente, hesitando, falei poucas palavras, pois uma timidez muda impedia-me de falar mais – que eu não nasci de um pai ilustre, que não sou transportado, nas proximidades dos campos, por um cavalo de Satureiro, mas eu conto quem eu era. Tu respondes como é teu costume: poucas palavras. Eu saio. Tu me chamas depois do nono mês e mandas que eu esteja no seu grupo

de amigos. Eu julgo grande isto, que eu agradei a ti, que distingues o honesto do desonesto, não pelo pai ilustre, mas pela vida e pelo espírito virtuoso.”

Voltando ao *Epodo 1*:

Feremus, et te uel per Alpium iuga,
inhospitalem et Caucasum,
uel Occidentis usque ad ultimum sinum
forti sequemur pectore. (vv. 11 – 14)

Na passagem referida, é possível notar que o poeta utiliza duas estruturas correlativas, ambas subordinadas ao verbo *feremus*. A segunda, versos 13 e 14, é correlata à primeira, 11 e 12. Para este encadeamento sintático, há o uso do conectivo *uel*, que se relaciona com o verbo *uolo*. Portanto, tal emprego evidencia que o poeta faria esses sacrifícios caso seu patrono assim o quisesse. Cabe ainda acrescentar que a primeira estrutura, por sua vez, abarca outro par em correlação por meio da conjunção aditiva *et*. A partir de tais processos sintáticos, portanto, Horácio elenca as regiões por onde seguiria seu amigo. Cart et alii (1986, p. 86) denomina as construções *et ... et e uel... uel* como expressões equilibradas.

Deve ser lembrado que a demonstração de cultura é uma característica da poesia alexandrina. Influenciado por poetas desta escola, o venusino evidencia sua erudição em relação aos conhecimentos geográficos, pois cita diversas regiões, de forma coerente, com a finalidade de explicitar enormes sacrifícios que seriam feitos por ele em favor da amizade.

Inicialmente, Horácio utiliza a forma verbal *feremus*, que se encontra no mesmo campo semântico de *laborem*. Assim, reforça a ideia de que aceitou o risco de seguir seu companheiro.

A primeira região mencionada são os *iuga Alpium*, cordilheiras existentes entre a Itália e a Gália. Este local é de difícil acesso por seu solo irregular, por sua grande altitude, que ultrapassa os quatro mil metros, e pelo clima extremamente frio.

O segundo ponto referido é o *Caucasum*, outra cadeia de montanhas que se situa entre o Ponto Euxino e o Mar Cáspio, constituindo, portanto, o ponto mais afastado em direção ao oriente. Segundo Villeneuve (HORACE, 1954, p. 200, n. 1), “Caucase qui

fut longtemps, pour les Grecs, l'extrémité orientale de la terre ferme"²⁵. O uso do adjetivo *inhospitalem* acentua o caráter nada favorável da região, visto que, de acordo com a origem desse vocábulo, tal lugar seria impróprio para hóspedes, ou seja, para os humanos em geral. Nos versos 5 e 6 da *Ode I, 22*, dedicada ao vate e gramático Arístio Fusco, o poeta refere-se a esta cadeia de montanhas da mesma forma: *inhospitalem Caucasum*.

Por fim, Horácio menciona ainda uma região no extremo ocidente. Apesar de não definida, sabe-se que o ponto mais a Oeste de Roma, desde o período de César, era a Hispânia. Nesta região, há um golfo na antiga Hispânia Bética, na cidade de Gades, ao qual o poeta fizera referência no verso 1 da *Ode II, 6*, em tom epistolar, dirigida ao cavaleiro Septímio, que estaria pronto a seguir Horácio aos confins do mundo, até os bárbaros: "Septimi, Gadis aditure mecum et"²⁶

Conforme já comentado, Horácio não era adepto das navegações. "Horácio [...] o poeta da antiviagem. Ele detesta, em particular, a viagem desnecessária que põe, em risco, a vida humana" (TRINGALI, 1995, p. 152). De fato, o poeta era a favor do *otium*, sobretudo quando desfrutado em sua vila doada por seu patrono. Contudo, a referida viagem, apesar de arriscada, não seria desnecessária: faria isso em nome de sua amizade.

Com isso, é possível notar que o poeta seguiria seu companheiro nos lugares mais adversos conhecidos da época, suportando, assim, as dificuldades. Viajaria desde o ponto mais oriental, o Cáucaso, até o ponto mais ocidental, o golfo em Gades; de uma localidade de baixa altitude até uma das regiões mais elevadas do mundo, os Alpes. No entanto, cumpriria a missão sem demonstrar sofrimento, e, para ratificar suas intenções, utiliza o ablativo instrumental de modo *pectore forti*, "com o peito inabalável", ou seja, com muita coragem. Assim, em nome da amizade, nada seria um grande obstáculo.

Nos versos anteriores (vv. 11 -14) do epodo, o poeta mencionou que Mecenas tornava sua vida mais agradável. Entretanto, embora existisse uma afeição entre ambos, seria necessário, segundo Cícero (*De Amicitia*, 9.29), que houvesse serviços prestados para que tal vínculo se consolidasse. Logo, tal demonstração de lealdade e predisposição para acompanhá-lo, mesmo que tal viagem não se concretize efetivamente, confirmam um laço profundo. Contudo, é necessário que a prática da utilidade seja recíproca.

²⁵ O Cáucaso que foi, por muito tempo, para os gregos, a extremidade oriental da terra firme.

²⁶ Septímio, tu que irás comigo a Gades...

Roges, tuum labore quid iuuem meo
inbellis ac firmus parum? (vv. 15 – 16)

Após relatar que suportaria grandes riscos, o venusino supõe que seu companheiro perguntaria como ele seria capaz dos feitos citados. Tal suposição nasce a partir de como Horácio se caracteriza no poema.

Observa-se, inicialmente, a presença de mais uma interrogação. No entanto, diferentemente do que ocorrera em versos anteriores, quem faria a pergunta seria o próprio Mecenas. Portanto, trata-se de uma suposição de que o questionamento ocorra. Assim, há a utilização do valor potencial para exprimir a informação como uma possibilidade

Diferentemente do herói épico, dotado de características extraordinárias para a arte da guerra, o poeta se descreve como alguém *inbellis*, palavra formada a partir do prefixo *in* e do vocábulo *bellum*, logo, “aquele que é impróprio para guerra” ou “não é apto para combater”. Além disso, acrescenta que é *parum firmus*, “pouco firme ou forte”, ou seja, um tipo de pessoa não apropriada para o ambiente bélico.

A partir de tal informação, é importante observar como o próprio é descrito no epodo em questão. Assim, como não era um herói épico por ser *parum firmus* em relação a seus aspectos físicos, também não era um ser desprezível moralmente e espiritualmente, já que se refere a si como alguém *non mollis* (v.10) que age com *mente* (v.9). Com isso, chega-se a um personagem moldado pelo meio termo, visto que, embora não possua grandes dotes físicos, é alguém virtuoso, que valoriza a amizade.

Apesar de Horácio se descrever como alguém impróprio para as atividades bélicas, enquanto pessoa, é alguém que já possui alguma preparação para a guerra, pois participou, quando jovem, do exército de Bruto a favor da república, lutando contra a tirania de Júlio César, que adotou Otaviano. Como se sabe, será nas mãos destes que a república defendida pelo poeta encontrará seu fim. No entanto, na época em que a guerra civil se encontrava no ápice e em um texto que evidencia sua adesão ao ideal augustano, citar sua real experiência militar poderia soar como uma contradição. Logo, é oportuno ao poeta omitir tais fatos. Além disso, na poesia lírica, não ser afeito a guerra é um lugar comum.

De acordo com o que foi observado, Horácio possuía aversão às viagens em virtude do risco que estas traziam para a sua vida. Da mesma forma, possuía um sentimento idêntico em relação à guerra. De fato, preferia passar seu tempo em um lugar seguro a viver perigosamente. Sendo um poeta da moderação, era de se imaginar que não se entregasse aos impulsos passionais. Contudo, em nome de sua amizade por Mecenas, vê-se obrigado a enfrentar grandes riscos.

Diante da caracterização do poeta, como alguém pouco firme e sem serventia para a guerra, é possível que Mecenas perguntasse qual seria a utilidade do amigo na guerra. Assim, nota-se novamente a utilização do vocábulo *labore* em vez de *otium*, reforçando que seu papel como amigo não é só gozar dos prazeres, mas se sacrificar junto de seu camarada. Porém, até o momento, ainda não foi explicado de que forma alguém sem talento bélico poderia ser útil numa guerra.

Nota-se, portanto, que, novamente, a questão da utilidade aliada à amizade é levantada. É oportuno lembrar que, para os adeptos do epicurismo, havia uma vantagem em possuir amigos: garantir segurança a ambas as partes. Konstan (2005, p. 156) menciona “a preocupação de Epicuro com a pragmática da segurança.” A partir do momento em que o poeta supõe que seu patrono questionaria sua capacidade de auxílio em tal situação, é de se imaginar que o próprio seria útil de algum modo, modo esse que Mecenas não imaginaria. Assim, para esclarecer qual seria a importância de partir junto para a batalha de Ácio, Horácio recorre a uma comparação.

Comes minore sum futurus in metu,
qui maior absentis habet, (vv. 17 – 18)

Na passagem citada, inicia-se uma resposta à pergunta idealizada por Horácio nos versos 15 e 16. Conforme será possível notar, trata-se da primeira parte de uma comparação.

O venusino diz ter menos temor de estar na guerra do que em seu *otium*. Isso se deve ao fato de não estar com seu amigo por perto, já que, estar distante deste, numa situação de guerra, significaria lidar com as incertezas de seu retorno. Ao lado de Mecenas, estaria mais tranquilo, ou como diz, *minore in metu*, já que, segundo sua forma de pensar, o receio cresce justamente quando há o distanciamento entre as pessoas que se amam.

Tal ideia é intensificada pelo conjunto de palavras com sentidos contrários. É o caso da antítese *maior* e *minore (metu)* relacionados, respectivamente, aos vocábulos antitéticos *comes* e *absentis*. Entretanto, nota-se que a presença não implica uma ausência de temor, apenas uma diminuição desse sentimento. Somente o *otium*, em lugar seguro ao lado de seu amigo, traria a paz efetivamente.

Portanto, evidencia, novamente, um caráter epicurista em relação à amizade, uma vez que a presença de Horácio ao lado de seu patrono aboliria a preocupação e seria garantia de tranquilidade. No entanto, há o uso da primeira pessoa do singular em *sum*, indicando que, em primeiro lugar, esta participação teria como finalidade tranquilizar sua pessoa, não o amigo. Tal afirmação não demonstra um egoísmo por parte do Horácio, apenas uma confirmação de sua preocupação, uma manifestação de zelo e de cuidado.

Nos primeiros versos, houve a utilização do vocábulo *amice* (v.2) para fazer referência a Mecenas. Nesse passo, diferentemente, o poeta emprega o substantivo *comes* (v. 17). Tal palavra, que significa “companheiro” (de viagem), “associado” ou “preceptor”, é formada a partir da preposição *cum* e do verbo *eo*. Com isso, chega-se a seu sentido original: “aquele que vai com” (alguém), ou seja, “quem acompanha”, “quem está próximo”. Semanticamente, assemelha-se a *hetairos*, que seria um camarada ou companheiro, de viagem, por exemplo. Já a palavra de sentido contrário, *absentis* (v.18), forma-se a partir da preposição *ab*, que possui ideia de afastamento, e do verbo *sum*. Embora este se conjugue igualmente a *absum*, nota-se que tal forma composta apresenta um particípio presente, forma nominal do verbo, diferentemente de *sum*, que não possui.

ut assidens inplumibus pullis auis
serpentium adlapsus timet
magis relictis, non, ut adsit, auxili
latura plus praesentibus. (vv. 19 – 22)

À semelhança das epopeias homéricas, o poeta se vale de comparações entre guerra e natureza, entre guerreiros e animais. Tal recurso é utilizado para tornar mais clara ao leitor determinada ideia que deseja transmitir, visto que parte de elementos

conhecidos para se referir a outros desconhecidos. Assim, Horácio consegue traçar uma imagem muito clara de qual seria seu papel junto a Mecenas.

Além de possuir um caráter explicativo, essa figura de linguagem, ao aproximar os dois universos distintos, guerra e natureza, produz um belo efeito estético, a partir da viva descrição, ao mesmo tempo que acrescenta um valor afetivo.

Nessa comparação, é possível observar inicialmente a presença do vocábulo *assidens*, formado a partir do prefixo *ad*, que indica “aproximação”, e do verbo *sedeo* que significa “permanecer fixo”. Portanto, nesta descrição da natureza, a ave teria como característica proteger seus filhotes, que, segundo o venusino, ainda se encontravam muito novos e, por isso, mais indefesos, já que utiliza a palavra *implumibus* para se referir a eles.

Após criar um ambiente de harmonia, o poeta insere outro elemento caracterizado, em muitas culturas, como uma entidade desencadeadora de males. Este seria um dos animais mais traiçoeiros: a serpente. A utilização do vocábulo *adlapsus* ligado a *serpentium* ressalta a característica deste ser, visto que significa uma aproximação silenciosa, resultando, com isso, num ataque sem escapatória, já que a vítima dificilmente notaria sua chegada até que fosse ferida.

Convém observar que o particípio passado *relicitis* pode ser interpretado de duas maneiras: um ablativo absoluto, em que o sujeito, *implumibus pullis* estaria subentendido nesta estrutura; um dativo de finalidade, complemento do substantivo *adlapsus*, proveniente do verbo *allabor*, que possui ideia de movimento. Para a presente tradução, adotou-se a segunda interpretação.

Porém, o temor da ave não está relacionado à sua vida, mas a de seus filhotes, visto que ela *timet magis relicitis*, ou seja, justamente quando seus filhotes se encontram abandonados, sem sua mãe para defendê-los. No entanto, conforme o poeta relata, uma ave não teria como salvar a vida de sua cria diante de um ataque de serpentes, porém, mesmo nesta situação de indiferença diante de possibilidade de uma ofensiva, o pássaro quer se fazer presente.

Portanto, é possível afirmar que, na composição analisada, Horácio compara tal contexto com a situação que vivencia, quando ele, sem nenhum talento para a guerra, seria a ave, visto que sua presença seria indiferente no que diz respeito à força militar, assim como Mecenas seria um filhote ainda sem plumas, que pode ser vítima de um ataque, ou seja, pode vir a morrer em combate. Por fim, a fonte de perigo, a serpente à

qual o poema faz referência, está relacionada ao exército egípcio comandado por Marco Antônio e Cleópatra. Já *adlapsus* seria a guerra iminente.

O poeta, mesmo *imbellis*, quer defender seu companheiro com o mesmo instinto que uma mãe tem em relação aos seus filhotes em perigo. Portanto, a partir dessa bela imagem, ele reafirma que sua amizade está acima de tudo, até mesmo de sua vida, que é colocada em segundo plano.

Assim como a ave, o venusino, segundo se descreve, não possuía atributos físicos para salvar seu patrono da morte. Portanto, nesse aspecto, não poderia ser útil a Mecenas, assim como a ave levar mais *auxili*. No entanto, a importância de haver um vínculo de amizade, para os epicuristas, não residia no favor em si, mas na existência de uma confiança recíproca na utilidade (KONSTAN, 2005). Com isso, ao se colocar como protetor, Horácio traria paz de espírito a seu amigo.

Segundo Cícero, em *De Officiis* (II. 9.32), tal atitude corajosa do poeta possui o poder de unir, ou fortalecer laços entre duas pessoas, visto que tão importante quanto os benefícios são as atitudes benéficas, ou seja, a intenção de fazer o bem pelo outro.

Com referência, ainda, ao último passo comentado, nota-se a presença do vocábulo *latura* (v.22), particípio futuro de *fero*. Há uma insistência, por parte do poeta, na utilização deste verbo. Tal repetição enfatiza o caráter sacrificante de sua companhia na guerra.

Libenter hoc et omne militabitur

bellum in tuae spem gratiae, (v. 23 – 24)

No tocante aos versos 23 e 24, é possível observar o uso de *libenter* em posição de destaque, no início do verso, o que evidencia que Horácio faria isso tudo não por causa de dependência financeira ou visando a algum benefício, mas agiria assim como a ave descrita na passagem anterior: de boa vontade.

Conforme a leitura dos versos 17 e 18, um dos motivos que levaram o poeta a querer acompanhar seu patrono foi a apreensão motivada por sua ausência. No entanto, ao longo do poema e neste trecho, é evidente que sua nobre atitude é uma demonstração de benevolência, no latim *benevolentia*, vocábulo formado a partir do advérbio *bene* e do verbo *uolo*. Uma amizade verdadeira pressupõe a existência de benevolência em ambas as partes, já que esta, juntamente com a caridade, segundo Cícero, em *De Officiis*

(II.17.54), auxilia na união entre parentes ou amigos. Na mesma obra (II.8.31), reafirma que tal bem ajuda um indivíduo a adquirir amizades, assim como outros bens. Em *De Amicitia* (6.20), o orador inclui a *benevolentia* e a *caritas* para a conceituação de tal sentimento:

Est enim amicitia nihil aliud nisi omnium diuinarum humanarumque rerum cum benevolentia et caritate consensio.

De fato, a amizade nada é senão o acordo de todas as coisas divinas e humanas com a benevolência e a caridade.

Nestes termos, um indivíduo benevolente se diferencia dos demais pelo fato deste fazer o bem em função do outro, não para receber glórias. No entanto, conforme o orador comentara, esta qualidade deve vir acompanhada de constância e de reflexão. Quem age de maneira inconstante e desequilibrada, sendo mais generoso do que o necessário, assim o faz por ostentação, não por boa vontade.

De acordo com o que é mencionado em *De Amicitia* (8.27), Horácio não deveria esperar que Mecenas tivesse a mesma benevolência por ele, pois, se assim agisse, reduziria a amizade em uma contagem daquilo que é dado e do que é recebido. Com isso, haveria um vínculo baseado nos proveitos, não nas virtudes.

Porém, o poeta afirma que sua posição perante seu amigo não é um fato apenas momentâneo, já que menciona militar ao seu lado não só em *hoc bellum*, mas também em *omne*. Com isso, deixa claro que não luta nesta guerra em particular, com o objetivo de defender a causa de Otaviano; mas, em qualquer batalha ou dificuldade em que seu amigo se encontrar, o poeta estará ao seu lado.

Em geral, os homens guerreavam em troca de benefícios financeiros ou políticos, porém, ele diz ao amigo que não queria esse tipo de recompensa, mas lutaria e suportaria as maiores dificuldades carregando uma esperança: sua graça. A respeito do vocábulo *gratia*, Konstan (2005, p. 175) explica: “o termo latino *gratia* se refere tanto ao retorno que é devido por um serviço (*officium* ou *beneficium*) que alguém recebeu, quanto ao sentido de dívida ou gratidão, que é um dever moral do beneficiário”.

Portanto, é evidente, conforme pode ser atestado nos versos seguintes, que Horácio não esperava que Mecenas pagasse pelos favores com outros favores ou benefícios. Desta forma, saber que seu amigo lhe foi grato seria sua recompensa.

non ut iuuencis illigata pluribus
aratra nitantur meis²⁷
pecusue Calabris ante Sidus feruidum
Lucana mutet pascuis, (vv. 25 – 28)

A partir deste passo, Horácio reafirma que sua companhia na guerra não seria motivada por benefícios materiais. Com isso, enumera uma série de possíveis recompensas que afirma dispensar, já que, conforme foi observado nos versos anteriores, sua gratificação seria, simplesmente, agradar a seu amigo.

Assim, verifica-se a exposição de gratificações associadas ao ambiente rural. Os possíveis benefícios demonstram o gosto do poeta pelo campo. Desta forma, evidencia-se que a aceitação, por parte do mesmo, de tais presentes lhe traria não só retorno financeiro como também imensa felicidade e prazer. Contudo, Horácio mostra-se benevolente, querendo, somente, o bem para o outro, seu patrono.

Nessa passagem, assim como em outras composições, além de demonstrar seu gosto pelo mundo campestre, o poeta evidencia seu conhecimento agrícola, seja a partir de vocábulos específicos deste ambiente, como *aratra* (v. 26), pela alusão a práticas utilizadas por fazendeiros ou por sua sapiência relacionada à fertilidade de terras.

Nota-se que, a partir de *non ut... neque ut* (vv. 25 e 29), há uma correlação, cuja ideia de finalidade é ressaltada a partir da repetição do conectivo *ut*. O primeiro trecho, encabeçado por *non ut* é subdividido por duas alternativas por meio da partícula enclítica *-ue*, localizada no verso 27. Tal estrutura, formada por uma correlação, em que a primeira parte é subdividida em duas, é semelhante à apontada nos versos 11 ao 14. Nos dois trechos, este recurso estilístico é utilizado com o objetivo de elencar itens.

No verso 25, observa-se a presença de uma disjunção, a partir da separação do pronome *pluribus* do substantivo a que se refere: *iuuencis*. Este sintagma é intercalado pelo participio passado *illigata*, que o rege sintaticamente. Tal recurso estilístico é bastante utilizado por prosadores e poetas latinos. No verso 24, em *tuae spem gratiae* há exatamente a mesma construção. Já no verso 3, encontra-se um processo semelhante em *omne Caesaris periculum*. A diferença existente entre as estruturas do verso 24 e 25 e a do 3 diz respeito ao elemento intercalado. Nesta, tal vocábulo é subordinado, logo, regido; nas anteriores, subordinante, por isso, regente. Com base na composição

²⁷ *Mea*, variante registrada por Villeneuve, foi adotada no lugar de *meis*.

estudada, supõe-se que tais exemplos evidenciam que a disjunção de vocábulos a partir da interposição de elementos é um recurso estilístico bastante produtivo.

No verso 27, Horácio faz referência a duas regiões distintas, localizadas no Sul da Itália: Lucânia e Calábria. Esta, por se encontrar em uma região mais meridional, possui um clima mais quente. Aquela, conhecida pela fertilidade de seu solo, apresenta um ar mais fresco.

O poeta revela um sistema utilizado por grandes proprietários daquela época. Em virtude destas diferenças geográficas e climáticas, os gados eram levados para a Calábria no inverno e para a Lucânia no verão. Tal recurso garantia um rebanho mais saudável, já que não o exporia nem a um calor, nem a um frio intenso.

Portanto, a obtenção de mais bois para seus arados e a transposição dos mesmos para regiões mais favoráveis, acarretariam uma maior produtividade para Horácio e, por consequência, maiores benefícios financeiros. Contudo, tais alusões são apenas possíveis favores os quais o mesmo dispensa.

No verso 28, Horácio usa o verbo *mutō* com uma disposição contrária a seu regime habitual, que seria de acusativo e ablativo, como pode ser observado no *Epodo 9*, 27-28, cuja tradução se encontra no presente trabalho.

neque ut superni uilla candens Tusculi

Circaea tangat moenia.

(vv. 29 – 30)

Esta passagem, conforme foi apontado anteriormente, está relacionada à anterior. A conjunção *neque*, formada a partir do advérbio *ne* e da partícula enclítica – *que*, apresenta um valor semântico de negação e a função sintática de conectivo aditivo. Por isso, seu significado original seria “e não”.

Além das cidades e regiões geográficas mencionadas antes, o venusino faz referência a outro território: *Tusculi*. Esta cidade encontra-se igualmente na Itália, poucos quilômetros ao sudeste de Roma. Segundo a tradição mítica, Túsculo, onde Cícero tinha uma vila, fora fundada por Telégamo, filho de Ulisses e Circe.

Vale lembrar que o mito, no gênero lírico, não é mais um recurso cuja finalidade seria explicar acontecimentos ou processos de difícil compreensão para o homem. Em tal gênero poético, como foi observado anteriormente, seu emprego ocorre em função da expressão pessoal, do ponto de vista estético do texto. Além disso, o conhecimento de

mitologia evidencia a cultura do poeta. A erudição é um atributo, sobretudo, de poetas alexandrinos como Calímaco, cuja poesia influenciou, de fato, o venusino.

Segundo Citroni, o poeta faz alusão a uma uilla localizada em território sabino:

Os restos da *uilla* foram identificados com alto grau de probabilidade (inclusive no tocante a indicações topográficas dadas por Horácio, que são razoavelmente precisas) na margem direita do rio Licenza, pouco a mais de 7 km de Vicovaro e de 8 km de Bardela. Trata-se de uma *uilla* de grandes dimensões e de grande valor, superior certamente ao que nos é sugerido pela imagem modesta que o poeta nos transmite através dos seus versos (CITRONI, 2006, p. 502).

A propriedade foi um presente dado por seu patrono. Nesta, o poeta isolava-se da vida tumultuosa da urbe e tinha a oportunidade de se entregar ao *otium*, que permitia ao poeta se dedicar às suas leituras e à sua produção poética. De acordo com diversos comentadores, o adjetivo *candens*, particípio presente de *candeo*, que significa brilhar, está relacionado ou ao mármore ou à pedra branca que havia na vila.

A mesma estaria próxima da cidade de Túsculo que, de acordo com Horácio, se localizava em uma região de maior altitude. Villeneuve (HORACE, 1954, p. 200, n. 3) apresenta duas leituras acerca do trecho referido:

Faut-il entendre que le poète ne demande point que Mécène étende son domaine assez pour qu'il aille jusqu'à Tusculum? ou, simplement, qu'il ne réclame pas de posséder, comme les plus riches des Romains (à l'exemple de Lucullus) une villa voisine de la hauteur où s'élève Tusculum et toute brillante de marbre (*candens*)?²⁸

Nestes versos, em conformidade com o trecho anterior, o poeta, por meio do conectivo *ut*, nega que suas ações, como amigo, tivessem a finalidade de fazê-lo receber benefícios materiais, embora, como foi apontado, tal vila fosse, de fato, um presente. No entanto, como se supõe, Horácio não nutriu uma amizade com Mecenas com o objetivo de receber tal propriedade. Esta foi apenas fruto da afeição mútua existente entre eles.

Na *Sátira II, 6*, encontra-se uma alusão a tal vila. Ao confessar ter desejado a propriedade, assume que o presente dado por Mecenas superou suas expectativas. De fato, o presente era suficiente não só em virtude de sua dimensão, mas por proporcionar momentos de tranquilidade ao poeta. Assim, nos versos 1 ao 4, encontra-se a seguinte passagem:

Hoc erat in uotis: modus agri non ita magnus,
hortus ubi et tecto uicinus iugis aquae fons

²⁸ Deve-se entender que o poeta não solicita que Mecenas estenda sua propriedade o suficiente para que chegue até Túsculo? ou, simplesmente, que ele não reivindica possuir, como os mais ricos dos romanos (a exemplo de Lucullus), uma vila vizinha da colina (até a altura) onde se eleva Túsculo e toda brilhante do mármore?

et paulum siluae super his foret. Auctius atque
di melius fecere. Bene est. Nil amplius oro,
(*Sat. II*, 6 – vv. 1 – 4)

Isto estava em meus desejos: uma medida de terra não tão grande onde houvesse não só um jardim e uma fonte de água corrente próxima da casa, como também um pouco de mata nos fundos. Os deuses fizeram melhor e maior. Está bem: não peço nada mais amplo.

Voltando ao *Epodo 1*:

Satis superque me benignitas tua
ditauit; haud parauero
quod aut auarus ut Chremes terra premam,
discinctus aut perdam nepos. (Epodo 1, 31 – 34)

Após elencar diversos benefícios materiais, Horácio revela a grande contribuição que recebera a partir de sua convivência com o patrono: *benignitas tua*. Tal substantivo abstrato é proveniente do adjetivo *benignus*, formado a partir do advérbio *bene* e do verbo *geno*, que significa “gerar”, “causar” ou “fazer nascer”. Com isso, é evidente que a virtude de Mecenas é fazer o bem.

Nota-se que o poeta dá grande ênfase à contribuição de seu amigo utilizando o advérbio de intensidade *satis*, que significa “bastante”, ligado a outro advérbio, *super*, que possui o valor semântico de superioridade. Estes vocábulos modificam o verbo *ditauit*.

Conforme foi apontado na análise dos versos 23 e 24, Horácio faria tamanhos sacrifícios em favor de seu amigo por ser um indivíduo benevolente. Tal qualidade possui um significado bem próximo da *benignitas* de Mecenas. Este vocábulo pode ser traduzido por “benignidade”, “benevolência”, “generosidade”, “liberalidade” etc.

Para nascer uma amizade verdadeira entre as duas partes, seria necessário que os dois indivíduos possuíssem essa mesma virtude. O poema analisado, de fato, é uma prova de benevolência de Horácio para com seu amigo. Em outras composições do autor, há diversos exemplos da generosidade de seu patrono. Sabe-se que, graças a este, aquele pôde se afastar de seu *negotium* para dedicar-se ao *otium*. A partir daí, teve tempo disponível para produzir sua poesia.

Para se compreender a importância de tal instituição na vida do poeta, deve-se atentar para a distinção em relação a seu cognato na língua portuguesa. Ócio significa

“repouso”, “falta de ocupação”, ou seja, ausência de atividade. Para poetas, filósofos e artistas, *otium* era o repouso de atividade profissional regular que possibilitaria ao indivíduo levar uma vida tranquila que lhe permitiria contemplar o mundo e se dedicar às artes, à poesia e à filosofia.

Além disso, as portas da residência do incentivador das artes encontravam-se abertas para a presença de seu amigo, que participava constantemente de seus banquetes. Um dos maiores benefícios dados ao poeta, conforme já foi apontado, é a vila Sabina.

Portanto, nota-se quão generoso fora Mecenas, pois, além de presentear-lo com bens materiais que lhe trouxeram felicidade e alegria, proporcionou uma mudança de vida ao amigo que, antes de conhecê-lo, era apenas um escriba filho de liberto, depois, se tornou uma personalidade ilustre da sociedade romana.

É importante observar que os dois não são retratados como homens comuns em relação às qualidades morais: são pessoas benevolentes e benignas. Em diversas peças, sobretudo nas sátiras, o círculo de Mecenas é caracterizado como um lugar em que vivem pessoas de grandes virtudes e de bons costumes: exemplos de indivíduos.

Efetivamente, o que atrai um ao outro não é o sentimentalismo, nem as utilidades, mas a identificação da virtude moral que ambos possuem. Dessa forma, é possível afirmar que tal relação possui pontos de contato com o conceito estoico de amizade. No entanto, assim como em *De Amicitia*, a noção da filosofia de Zenão é um pouco modificada, pois, nesse epodo de Horácio, os amigos não são indivíduos caracterizados por sua grande sabedoria, mas são pessoas que possuem a bondade em seus corações. São idealizados, somente, no que diz respeito às virtudes morais.

Em outros poemas de Horácio, a questão da sabedoria está diretamente relacionada à amizade. Tratando-se de vínculos entre pessoas de condições sociais diferentes, Horácio aconselha Lólio, na *Epístola I, 18*, a dedicar-se à filosofia para um conhecimento de si mesmo, que lhe revelaria se ainda é alguém à procura de benefícios ou se é livre de tais desejos. Estando realizado consigo, é possível conviver com alguém superior de maneira franca, diferentemente do lisonjeador, que age com falsidade. “O homem sábio pode, assim, desfrutar de uma relação de amizade verdadeira com alguém que lhe é socialmente superior” (KONSTAN, 2005, p. 201). Nesta perspectiva, somente os homens sábios estão aptos a desfrutarem da amizade.

Tal aptidão está pautada na auto-suficiência. Esta condição era defendida, sobretudo, pela filosofia estoica, que preceituava que os motivos da felicidade de um indivíduo, conforme foi visto anteriormente, não deveriam depender de fatores externos, mas “de uma harmonia [de um indivíduo] com o plano natural e racional do mundo, [...] completar uma vida próspera e, portanto, sábia” (GHIRALDELLI JÚNIOR, 2008, p. 154).

Ainda cabe comentar que a benevolência e a benignidade são características do caráter de Horácio e de Mecenas. A natureza de um indivíduo, como já foi apontado, geralmente, não muda com o passar do tempo. Caso o poeta militasse ao lado de seu patrono com a finalidade de adquirir os benefícios elencados no trecho anterior (vv. 25 – 30), a amizade destes seria aquela considerada vulgar por Aristóteles e Cícero. No entanto, o venusino insiste em deixar claro que há entre os dois um vínculo verdadeiro baseado na natureza deles. Logo, trata-se de uma amizade duradoura.

Na *Sátira I, 9*, o poeta menciona os princípios morais em que se assentava o convívio com o incentivador das artes em Roma. Para isso, o venusino apresenta os dois modelos de amizade propostos por Aristóteles: a verdadeira, existente entre Mecenas e seus companheiros, e a falsa, almejada pelo importuno.

No mesmo texto, Mecenas é descrito como um homem de poucos amigos. De fato, os vínculos profundos são raros, pois é necessário que as duas partes sejam semelhantes em relação à virtude, isto é, sejam um outro eu. Nota-se que a casa de seu patrono é retratada como um ambiente idealizado, representando um exemplo de moral.

A *Satira I, 9* é aquela em que Horácio, ao caminhar pela Via Sacra, é seguido por um homem que só conhecia de nome. O importuno deseja ingressar no Círculo de Mecenas visando a benefícios, por isso propõe a Horácio uma troca de favores. Diante disso, o poeta o adverte, comentando que para integrar aquele seletivo grupo, o indivíduo será analisado em relação a sua virtude, conforme ocorreu com o próprio. Assim, do verso 43 ao 55, há o seguinte diálogo entre o poeta e o importuno:

----- “Maecenas quomodo tecum?”
hinc repetit; “paucorum hominum et mentis bene sanae;
nemo dexterius fortuna est usus. Haberes 45
magnum adiutorem, posset qui ferre secundas,
hunc hominem uelles si tradere; dispeream, ni
summosses omnis. – Non isto uiuimus illic
quo tu rere modo; domus hac nec purior ulla est
nec magis his aliena malis; nil mi officit, inquam, 50
ditior hic aut est quia doctior; est locus uni

cuique suos. – Magnum narras, uix credibile. – Atqui
sic habet. – Accendis, quare cupiam magis illi
proximus esse. – Velis tantummodo, quae tua uirtus,
expugnabis; -----

55

(*Sat. I, 9* – v. 43 – 55)

Ele [o importuno] retoma daqui: “Como Mecenas, de poucos amigos e de mente bem sensata, é contigo? Ninguém se serviu da Fortuna de forma mais favorável. Tu terias um grande auxiliar, que poderia desempenhar um papel secundário se tu quisesses apresentar este homem: Que eu pereça inteiramente, se tu não tivesses repelido todos”. “Lá nós não vivemos isto, como tu mesmo julgas; Nenhuma casa é mais pura que esta, nem mais contrária a estes males. Nada se opõe a mim, digo eu, porque este é mais rico ou é mais sábio, cada um tem seu lugar”. “Tu contas algo grandioso, é crível com dificuldade”. “Contudo é assim”. “Tu me inflamas, e, assim, eu desejarei mais estar próximo dele”. “Basta querereres: tua virtude é tal que tu triunfarás”.

Retornando ao *Epodo 1*, no verso 32, o poeta confirma o que havia dito anteriormente: não agirá com a finalidade de acumular recompensas materiais. Para enfatizar tal atitude, inicia a frase a partir do advérbio de negação *haud*, que possui um valor intensivo.

O poeta distingue sua desambição aos benefícios materiais a partir de uma comparação com personagens-tipo da comédia. Nesta, os personagens cômicos apresentam comportamentos fora do padrão, por isso suas atitudes provocam o riso. Num primeiro momento, é comparado a *Cremes*, nome frequente para os pais na Comédia Nova greco-latina. Ligado a ele, há o adjetivo *auarus*, “avarento”. Horácio se diz diferente deste, pois não acumularia riquezas com a finalidade de enterrá-las.

Em seguida, há a figura do jovem desleixado, que é outro personagem-tipo pertencente ao mesmo gênero dramático. Nas comédias, era comum presenciar jovens apaixonados praticando atitudes insensatas. Com isso, Horácio afirma que não ajuntaria fortunas para posteriormente gastá-las ou perdê-las de maneira negligente.

Deve-se notar que ambos os personagens apresentam um comportamento condenável: visam ao lucro, ao dinheiro. Entretanto suas atitudes evidenciam condutas antitéticas, pois, enquanto o avarento demonstra grande apego aos bens, o jovem evidencia um menosprezo a questões financeiras e morais. Assim, representam os dois extremos.

A respeito da construção *quod ut* utilizada pelo poeta no verso 32, Ernout (1953, p. 439) afirma:

Le neutre *quod*, fixe devant certaines conjonctions avec lesquelles il faisait corps, marquait la liaison, sans avoir lui-même de fonction définie dans la phrase: [...] *quod ut* (Pline, Nat. 18,194).²⁹

Com efeito, Horácio quer ressaltar que sua conduta seria orientada pelo justo meio-termo, ou seja, a moderação nas aspirações e nos prazeres. Este conceito aristotélico, muito presente em sua poética, é denominado, na *Ode II, 10*, como *aurea mediocritas*. Assim, o único tesouro buscado pelo venusino já foi adquirido: *tua benignitas*.

²⁹ O neutro *quod*, fixado antes de certas conjunções com as quais ele aderiria, marcava a ligação, sem ele mesmo ter uma função definida na frase: [...] *quod ut* (Plínio, Nat. 18, 194).

7. CONCLUSÃO

O *Epodo I* de Quinto Horácio Flaco, como já foi assinalado, escapa a qualquer tipo de classificação, podendo ser equiparado às *Odes*, nas quais se encontram as mais vivas demonstrações de amizade para com o incentivador das artes.

Na poética horaciana, assim como na de diversos autores da Antiguidade Clássica, há uma grande quantidade de referências a dados biográficos. Com isso, observa-se que o poeta utilizou um acontecimento de grande repercussão em sua época, a batalha de Ácio, como pretexto para demonstrar seu afeto e sua admiração por Mecenas.

A partir da tradução e da análise do *Epodo I*, pode-se concluir que Horácio compõe o poema referido com o objetivo de engrandecer a figura de Mecenas. Tal homenagem é feita por benevolência, visto que o venusino nutre uma afeição por seu amigo; por honra, pois admira sua virtude e caráter; por poder, afinal, além da amizade, há uma relação de patronagem, na qual o incentivador das artes se encontra em posição superior. Contudo, o poeta não escreve o epodo movido por recompensa.

Ao longo do texto, há alguns vocábulos ou estruturas que indicam uma subordinação, por parte de Horácio a Mecenas, tais como: *iussi, persequemur* (v.7); *laturi laborem* (v.9). Há, entretanto, um grande número de exemplos que sugere uma relação de amizade, não de patronagem. Conforme se discutiu, há um esforço por parte do poeta para neutralizar a diferença de *status* existente entre ele e seu patrono. Para isso, utiliza uma linguagem bastante afetiva, que pode ser evidenciada, sobretudo, pelo vocativo usado para se referir ao incentivador das artes: *amice* (v.3).

Em virtude do caráter inclusivo da amizade, há a possibilidade de que dois indivíduos sejam, além de amigos, parentes, vizinhos ou partidários. Com isso, a partir de dados históricos e biográficos, infere-se que Horácio, além de um cliente de Mecenas, era seu amigo pessoal. O poema aludido confirma tal afirmação, pois configura tanto um exemplo de amizade desinteressada, quanto de relação de patronagem.

Apesar de agir de boa vontade, em nenhum momento, o venusino esconde de seus leitores que faria uma série de sacrifícios por seu patrono. De fato, o poeta destaca seu esforço ao comentar que, o perseguiria com muita coragem pelas regiões mais distantes e mais adversas de que se tinha conhecimento. Então, acompanhar Mecenas na

batalha de Ácio seria uma prova de amizade, cujo objetivo seria o reconhecimento e a gratidão, algo que somente os verdadeiros amigos fazem.

Portanto, segundo o poeta, sua intenção é somente fazer o bem para o amigo. Em diversas ocasiões, observa-se que o bem-estar de Mecenas implica a própria felicidade do venusino. Contudo, a todo o momento, o poeta enfatiza que age sem a intenção de receber benefícios. Há uma tentativa, por parte do mesmo, de se mostrar um verdadeiro amigo, não um adulator. O único benefício que Horácio menciona tê-lo enriquecido é a *benignitas* de seu amigo.

A guerra, apesar de não ser o tema do poema aludido, é o elemento que colocará à prova a amizade dos dois. Seja por forçá-los a se separar, seja por trazer perigo ao patrono. As duas conseqüências do embate, de fato, causariam angústia ao venusino. Contudo, para os antigos, um verdadeiro amigo se mantém presente na adversidade e na felicidade. Assim, acompanhá-lo é só uma prova de lealdade. No entanto, o poema, além de representar o que já foi exposto, constitui uma adesão, por parte de Horácio, aos ideais augustanos.

O conceito de amizade empregado pelo poeta possui pontos de contato com diversas correntes filosóficas. A partir da leitura do *Epodo 1* e de outras composições horacianas, verifica-se que o venusino, influenciado pela visão aristotélica acerca de tal vínculo, distingue, assim como Cícero o fez em seu tratado *De Amicitia*, as amizades verdadeiras, baseadas na virtude, das vulgares, baseadas na utilidade e no deleite.

Do mesmo modo, há aproximações entre a *amicitia* horaciana e a *philia* das escolas de Epicuro e de Zenão. Do ponto de vista epicurista, a amizade relaciona-se com o prazer, pois tal sentimento é capaz de libertar o homem das preocupações. Desta forma, possui certa utilidade. Contudo, o poeta, ao longo do poema, garante que o proveito não é a causa de sua união com o patrono, é apenas um fruto. Do ponto de vista do estoicismo, na poética horaciana, há referências, conforme foi apontado, de que somente os sábios estão aptos a desfrutarem da amizade. No *Epodo 1* e em outras obras, os amigos Horácio e Mecenas, além de outros membros pertencentes ao mesmo círculo, são indivíduos idealizados em relação às virtudes morais.

No que diz respeito à literatura latina, observa-se que a relação retratada pelo venusino é comparável àquela descrita por poetas e prosadores. Há exemplos de companheirismo em momentos de adversidade tanto na epopéia quanto na comédia. Nos dois gêneros, há uma barreira tênue entre a camaradagem e a subordinação. Na

poesia elegíaca e na lírica, assim como Horácio o faz, há diversos casos em que os poetas fazem referência ou dedicam poemas a seus amigos.

Entretanto, de todos os autores latinos, aquele que mais se dedicou ao tema foi Cícero em seu tratado *De Amicitia*. Ao longo da análise, há uma série de referências ao prosador, visto ter sido ele o responsável por adaptar conceitos de filósofos gregos para a realidade romana.

Diante de tantas referências literárias, filosóficas, históricas e biográficas, é possível afirmar que ler o *Epodo 1*, assim como toda a poesia horaciana, é mais do que ler as impressões de um homem. É, além disso, ter acesso não só a sentimentos universais da alma humana, como reler toda a cultura clássica e a história de Roma.

8. BIBLIOGRAFIA

ACHCAR, Francisco. *Lírica e lugar-comum: alguns temas de Horácio e sua presença em Português*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

ADRADOS, Francisco Rodríguez. *El mundo de la lírica griega*. Madrid: Alianza Editorial, 1981.

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. São Paulo: Martin Claret, 2003.

BACCEGA, Maria Aparecida. *Palavra e Discurso*. São Paulo: Ática, 2008.

BAYET, Jean. *Litterature latine*. Paris: Armand Colin, 1953.

CANCELA, Elina Miranda. *Los generos poéticos en Grecia clásica*. Havana: Editorial Pueblo y Educación, 1990.

CARA, Salete de Almeida. *A poesia lírica*. São Paulo: Ática, 1986.

CARDOSO, Zélia de Almeida. *A literatura latina*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CART, A. et alii, *Gramática latina*. Trad. Port. São Paulo: T.A. Queiroz: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1986.

CÍCERO. *Da Amizade*. Trad. Port. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. *Dos Deveres*. Tradução de Angélica Chiapeta. S.Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. *De Senectute De Amicitia De Divinatione*. With An English Translation. William Armistead Falconer. Cambridge. Harvard University Press; Cambridge, Mass., London, England. 1923.

CICÉRON. *Les devoirs*. Texte établi et traduit par Maurice Testard. Paris : Belles Lettres, 1965/70. 2v.

CITRONI, M. et alii, *Literatura de Roma Antiga*. Trad. Port. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2006.

COMMANGER, Steele. *The odes of Horace*. London: Indiana University Press, 1967.

EPICURO. *Carta sobre a felicidade (a Meneceu)*. Trad. Port. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

ERNOUT, A. & MEILLET, A. *Dictionnaire étymologique de la langue latine*. Paris, Klincksieck, 1951.

ERNOUT, A. & THOMAS, François. *Syntaxe latine*. Paris: Klincksieck, 1953.

FERRERO, Guglielmo. *Grandeza e decadência de Roma*. vol. I, II, Porto Alegre: Globo, 1963.

GAFFIOT, F. *Dictionnaire illustré latin français*. Paris: Hachette, 1934.

GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. *História da filosofia: dos pré-socráticos a Santo Agostinho*. São Paulo: Contexto, 2008.

GIORDANI, Mário Curtis. *História de Roma: antiguidade clássica II*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

GRIMAL, Pierre. *Dicionário da mitologia grega e romana*. Tradução de Victor Jabouille. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

_____. *História de Roma*. Trad. Port. Lisboa: Edições Texto & Grafia, 2008.

_____. *La littérature latine*. Paris: Fayard, 1994.

HARRISON, S. J. *The Cambridge companion to Horace*. New York: Cambridge University Press, 2007.

HARVEY, Paul. *Dicionário Oxford de literatura clássica grega e latina*. Tradução de Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1987.

HORACE. *Odes et Épodes*. Trad. de F. Villeneuve. Paris: Les Belles Lettres, 1967.

_____. *The Works of Horace*. C. Smart. Philadelphia. Joseph Whetham. 1836.

KENNEY, E. J. et CLAUSEN, W. V. (eds.). *Historia de la literatura clásica*. Trad. Espanhola de Elena Bombín. Madrid: editorial Gredos, 1989. v.II.

KONSTAN, David. *A amizade no mundo clássico*. São Paulo: Odysseus, 2005.

LAUSBERG, H. *Elementos de retórica literária*. Tradução e prefácio de R. M. Rosado Fernandes. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1982.

L. ANNAEUS SENECA. *Moral Essays: volume 2*. John W. Basore. London and New York. Heinemann. 1932.

LEWIS, Charlton T. & SHORT, Charles. *A latin dictionary*. Oxford: Clarendon, 1989.

MAGNE, Augusto. *História da literatura grega clássica*. Adaptação do original de L.Laurand. São Paulo, Anchieta, 1946.

MARMORALE, Enzo V. *Historia da Literatura Latina*. Tradução de João Bartolomeu Júnior. Lisboa: Editorial Estúdios Cor. 1987. v.1.

MAROUZEAU, J. *Traité de stylistique latine*. Paris: Belles Lettres, 1970.

MARTIN, René & GAILLARD, Jacques. *Les genres littéraires à Rome*. Paris: Scodel, 1975. 2v.

OVIDE. *Les Tristes- Les Pontiques - Ibis - Le Noyer - Halieutiques*. Texte établi et traduit par Émile Ripert. Paris: Garnier, 1957.

PARATORE, Ettore. *História da Literatura latina*. Trad. de Manuel Rosa. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1983.

PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Estudos de História da Cultura Clássica - Cultura romana*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1984. vol.1.

POIRET, J. *Étude psychologique et littéraire*. Paris: Ernest Thorin Ed., /s.d./.

SARAIVA, F. R. S. *Dicionário latino-português*. Belo Horizonte: Livraria Garnier, 2006.

SÊNECA, *Sobre a brevidade da vida*. Trad. Port. Porto Alegre: L&PM, 2009.

SCHÜLER, Donaldo. *Literatura grega*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985

SILVA, Marilda E. dos Santos. O amor e reflexão filosófica em Horácio. In: *Caliope Presença Clássica*, Jan./Jun. 1987, nº 6.

SOARES, Angélica. *Gêneros literários*. 6. ed. São Paulo: Editora Ática, 2003.

T. MACCIUS PLAUTS. *Plauti Comoediae*. F. Leo. Berlin. Weidmann. 1895.

TORRINHA, Francisco. *Dicionário latino-português*. Porto: Gráficos Reunidos Lda., 7ed., [s.d.]

TRINGALI, Dante. *Horácio poeta da festa. Navegar não é preciso*. São Paulo: Musa, 1995.

VERGIL. *Bucolics, Aeneid, and Georgics Of Vergil*. J. B. Greenough. Boston. Ginn & Co. 1900.

VEYNE, Paul. *História da vida privada, 1: do Império Romano ao ano mil*. Trad. Port. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.